

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
HUMBERTO FERREIRA SILVA**

**MEMORIAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA
BRASILEIRA:
UMA FACE DA GLÓRIA**

Juiz de Fora
2011

HUMBERTO FERREIRA SILVA

**MEMORIAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA
BRASILEIRA:
UMA FACE DA GLÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel e habilitação em Licenciatura.

Orientadora: DSc. Maraliz Castro Veira Christo.

Juiz de Fora
2011

*“Neste lugar sagrado, dedicado à Virgem Mãe de Deus,
que a guerra profanou, houve uma estação da Cruz
Vermelha administrada por soldados brasileiros do
3º Batalhão do 11º Regimento. Viajante, pare e preste atenção!
Isso foi feito por homens.
Vertem lágrimas de arrependimento e acredita-se
na construção de um mundo melhor através
do caminho da justiça e caridade.
Primeiro de abril de 1945”.*

*Este documento, escrito em latim, foi deixado pelos brasileiros no Oratório B. V. de
Montenegro, que está localizado em Jola de Montese – Itália*

RESUMO

SILVA, Humberto Ferreira. **Memorial da Força Expedicionária Brasileira: Uma face da glória**. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Bacharelado e Licenciatura em História). Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, 2011.

Passados sessenta e seis anos do fim da II Guerra Mundial, a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, Seção Regional Juiz de Fora- MG, mantém como princípio, reviver e celebrar os episódios ligados ao envio de tropas brasileiras para a Itália. Sendo assim, o Museu da FEB constitui-se como um lugar de memória dotado de um acervo de bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, compondo um campo documental independente de pertencerem ao seu acervo institucionalizado. Cabe destacarmos qual é a memória musealizada que se encontra na relação entre o veterano, sujeito que conhece e o documento/ bem cultural.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. Museu. Memorial.

ABSTRACT

Sixty-six years past the end of World War II, the National Association of Veterans of the Brazilian Expeditionary Force, Regional Section Juiz de Fora-MG, maintained as a principle, to revive and celebrate the episodes related to sending Brazilian troops to Italy. Thus, the Museum of the FEB was established as a place of memory endowed with a wealth of cultural, material or immaterial in nature, movable or immovable property, making an independent documentary field belonging to his collection institutionalized. It should be noted that the memory is musealization which is the relationship between the veteran, knowing subject and document / cultural asset.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. Museum. Memorial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1	Museu da FEB José Maria da Silva Nicodemos	22
ILUSTRAÇÃO 2	Monumento aos Veteranos da 2º Guerra Mundial	34
ILUSTRAÇÃO 3	Degradação do monumento	34
ILUSTRAÇÃO 4	“FEB e Itália: das batalhas ao reconhecimento”	44
ILUSTRAÇÃO 5	Tela Cabo Hélio Thomaz – Cazi 962	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O RETORNO DA GUERRA: AS ASSOCIAÇÕES DE EX-COMBATENTES NO BRASIL	11
2.1	ASSOCIAÇÕES DE EX-COMBATENTES: CONFRATERNIZAÇÃO, AMPARO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	
2.2	OS VETERANOS DE GUERRA EM JUIZ DE FORA-MG: UM BREVE HISTÓRICO	16
3	ACERVO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: LUGARES DE MEMÓRIA EM JUIZ DE FORA-MG	20
3.1	MUSEU DA FEB: DOCUMENTOS E PESQUISA	20
3.2	MONUMENTOS E HOMENAGENS: A FEB NO CENÁRIO URBANO	31
14	SUJEITOS E MEMÓRIAS: A RELAÇÃO DOS VETERANOS COM A COLEÇÃO	35
4.1	OS VETERANOS E O MUSEU: VOZES DE UM CONFLITO	35
5	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1 INTRODUÇÃO

16 de Abril de 2011. Um grupo de senhores, octogenários e nonagenários viaja com amigos e parentes para a velha São João Del-Rei-MG, sede do 11º Batalhão de Infantaria, o antigo “Onze”. João Evaristo dos Santos, Capitão reformado, chega ao batalhão, mesmo de cadeira de rodas, e reencontra alguns companheiros de front e Associação. O clima é de confraternização, logo ao chegarmos vemos um grande monumento com a seguinte frase: “Tomada de Montese” FEB 1945”, sendo a conquista dessa localidade italiana entre 14 e 17 de abril o motivo da comemoração. Passados 66 anos, chegam a cidade senhores de várias partes do Brasil, bem alinhados, alguns ostentam suas medalhas, a boina azul e o eterno distintivo da Força Expedicionária Brasileira: a cobra continua fumando. Após a Canção do Expedicionário seguem o desfile dos veteranos recebido com grandes aplausos pelos populares. Afinal, algo une esses senhores, compuseram uma tropa latino-americana enviada a Europa e vivenciaram a dureza de uma guerra total, arrasadora, que deixou um saldo de aproximadamente 54 milhões de mortos entre combatentes e civis. O envio de uma força expedicionária foi o ponto culminante de uma negociação diplomática e econômica; a guerra havia chegado aos brasileiros e não Brasil que fora a guerra, como definiu o historiador Francisco César Ferraz.¹ A participação militar brasileira está contextualizada no regime do Estado Novo (1937-1945) do presidente Getúlio Vargas em meio as implicações diplomáticas em voga no alinhamento do Brasil. A economia brasileira era baseada no setor agrícola e sua política econômica controlada pelos interesses externos, dependendo da importação de produtos para o mercado interno. A população brasileira em números de 40 e 41 milhões de habitantes na época da guerra, desses, 70% viviam em localidades rurais, caracterizados em muitas áreas pela pobreza, doenças e desnutrição em um interior de agricultura de monocultura, como o café, cacau e o algodão.²

A iniciativa do governo brasileiro era o revigoramento econômico financeiro do país e o desenvolvimento da política externa. Visando o seu progresso industrial, o estado brasileiro mantinha negociações com países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Vargas seguia uma política de temporização como forma de ceder mas também conseguir

¹ FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p.9

² MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil – Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995, p.25-48.

vantagens. O empréstimo de 20 milhões de dólares pelos americanos possibilitou a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e estabeleceu os primeiros compromissos com os norte-americanos. Em meio à situação de guerra na Europa, os E.U.A. visualizavam o Nordeste brasileiro como posição estratégica, permitindo driblar os alemães nos mares do Atlântico Norte. Já o governo brasileiro mantinha uma posição neutra, tendo elementos governamentais pró-Eixo e favoráveis a uma aliança com os americanos. Em julho de 1940 ficou acordada em Havana (Cuba), que qualquer agressão a um país americano representaria um atentado a toda América. A declaração continental de guerra viria com o ataque japonês a Pearl Habor em 7 de dezembro de 1941, que acarretou em uma grande pressão norte-americana ao governo brasileiro e o posterior rompimento de relações com os países do Eixo em 28 de janeiro de 1942. Logo após os norte - americanos estabelecem bases áreas em Natal, Recife e Belém, levando a idéia que iriam reequipar as Forças Armadas brasileiras.

Com o alinhamento do Brasil aos Aliados, a Alemanha Nazista inicia uma campanha submarina, com o torpedeamento aos navios mercantes brasileiros entre fevereiro e agosto de 1942. Após intensa campanha popular, o governo brasileiro declara estado de guerra contra a Alemanha e Itália em 31 de agosto de 1942. Um mês após a declaração, militares e o governo brasileiro planejam o envio de tropas para responderem a afronta sofrida e também angariar uma melhor posição internacional no pós-guerra. Depois de negociações com os americanos no início de 1943, fica decidido o emprego de tropas brasileiras na guerra, sendo criado as bases da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em uma portaria de 9 de agosto de 1943. O envio de tropas era justificado pelo torpedeamento de embarcações nacionais por submarinos alemães, sensibilizando a população para uma decisão que já havia sido formada pelo governo.

A formação da FEB esteve atrelada ao seguimento de uma doutrina de guerra americana, já que a empregada no Brasil era a francesa, advinda da I Guerra Mundial. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária enviada a Europa, teve em sua maioria a composição de trabalhadores rurais e urbanos de classes populares, alguns componentes de classe média e poucos membros da elite, somando o número de um pouco mais de 1000 voluntários e um contingente de mais de 25.000 homens.³

O emprego da FEB em combate foi de apenas uma divisão em meio a tantas outras, para o Exército foi um grande passo em doutrina e preparação de guerra. Com o termino da

³ FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p.48 e 49.

guerra, a participação da FEB significou o fim do Estado Novo de Vargas em 29 de outubro de 1945 através das mesmas classes conservadoras que apoiaram Vargas em 1930.

Nosso primeiro objetivo será analisar as associações de ex-combatentes no pós-guerra e seu papel de agentes da memória e luta social em todo mundo, destacando a formação das associações no Brasil e o contexto dos ex-combatentes brasileiros. Quais são as interpretações do passado que se quer salvaguardar nessas associações? Enfocaremos no caso da ANVFEB-SR-JF e seu enquadramento de memória nos objetos materiais como o museu e monumentos.⁴

Adotaremos o conceito de acervo para abarcar os documentos e bens culturais a serem inventariados. Ao enfocarmos no museu destacamos sua coleção como objetos eleitos que revelam um pouco do grupo e dos sujeitos a quem pertencem. A relação dos veteranos com os documentos se torna formadora de memórias, que habitam nesse espaço, uma face da glória. Narrativas expostas de onde emergem “vozes” a serem preservadas e destacadas nesse museu. A menção a uma face é uma clara homenagem e apropriação ao título do livro de autoria do Major Ruy de Oliveira Fonseca. Se existem duas faces da glória, eles reivindicam uma dessas; musealizadas em um espaço/tempo; “aquela que põe à prova a fé, o valor, a coragem, o brio, o desprendimento e a vontade inexorável de cumprir o dever”⁵

⁴ POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: **Estudos Históricos** nº.3. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989. p.7 e 8.

⁵ FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória: reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2002, p.10.

2 O RETORNO DA GUERRA: AS ASSOCIAÇÕES DE EX-COMBATENTES NO BRASIL

2.1 ASSOCIAÇÕES DE EX-COMBATENTES: CONFRATERNIZAÇÃO, AMPARO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

No dia 17 de Setembro de 1945, chegava ao Brasil o navio Gen. Meighs, trazendo o 4º escalão da Força Expedicionária Brasileira, retornando do território italiano após o fim das hostilidades no continente europeu. A embarcação americana “AP – 116 Gen. Meighs” transportava 5342 homens, agora veteranos e testemunhas do maior conflito armado do Século XX; trazendo consigo todas as marcas, lembranças e a felicidade de estarem de volta ao território brasileiro e a preocupação de como seria suas vidas após a guerra. Em seu diário, o então Tenente Ruy de Oliveira Fonseca, comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria Expedicionária, registrou as seguintes palavras:

“Prontos para desembarcar, aguardamos a hora prevista com ansiedade; recolho-me com meus pensamentos e fico imaginando o que se sucederá de agora para a frente. O Exército deverá me dispensar e, voltando à vida civil, começo a poupar-me. Será que meu emprego no Ministério do Trabalho me será restituído? Voltarei à luta no magistério, correndo colégios à procura de vaga de professor? Também não descarto a idéia de continuar no Exército, se houver oportunidade. Enfim, tudo se afigura nebuloso e me causa uma ponta de revolta íntima, pois a razão, deturpada ainda pelos percalços que sofri, sugere que tenho direitos especiais e que devo reclamá-los. O bom senso, porém, me alerta que os sofrimentos e os riscos de foram cobertos pelos vencimentos triplicados, pela boa alimentação, pelo armamento moderno e pela excepcional oportunidade de servir a pátria, que tudo me proporcionou para que eu me criasse, me educasse e me tornasse um cidadão.”⁶

As expectativas e temores do tenente simbolizavam os anseios de muitos expedicionários. O regresso dos soldados foi marcado por grandes festas e comemorações, seja na então capital federal, o Rio de Janeiro ou na terra natal dos pracinhas espalhadas por todo Brasil; eram saudados como heróis que colaboraram na derrota do Nazi-fascismo e vingaram a morte de seus compatriotas nos navios torpedeados. Cabe ressaltar que a dissolução da FEB foi feita através do Aviso nº 217-185, de 06/07/1945, expedido pelo Ministro da Guerra, o General Eurico Gaspar Dutra, antes mesmo do 1º Escalão voltar ao solo

⁶ FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória: reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2002. p. 229.

brasileiro em 18/07/1945.⁷ Esse ato demonstrava uma ação preventiva do governo de Getúlio Vargas para enfraquecer qualquer tentativa de apropriação do prestígio das tropas brasileiras para uma possível oposição ao seu regime, tratava-se de um ato que bloqueasse os expedicionários como aliados no combate ao pacto conservador das elites políticas. Se para a maioria dos febianos as discussões sobre o governo do país eram distantes, grande número dos oficiais da FEB engrossava a oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas. O contexto político vivenciado pelo retorno dos expedicionários trouxe um grande dilema aos ex-combatentes: os de origem civil foram mantidos distantes de qualquer participação política e os oficiais (não-licenciados) sofreram oposições e reservas dos militares “espada-virgem” que ficaram no Brasil.⁸ Em suma, os integrantes da FEB não receberam um programa de reintegração completo ao retornarem de um grande conflito militar como a II Guerra Mundial. Apesar de serem criadas diversas leis e benefícios, os ex-combatentes não foram apoiados com os “direitos especiais” desejados pelo Tenente Ruy em seu diário ao retornar ao país natal; saía de cena o soldado brasileiro herói dos desfiles aos rótulos de “neurótico de guerra” e os problemas com o desemprego e alcoolismo. Cabe citarmos o relato do agora Major Ruy de Oliveira Fonseca, ilustrativo das circunstâncias vivenciadas no pós-guerra:

“Os primeiros dez anos depois da Guerra, nós comemos o pão que o diabo amassou. A maioria chegou com dinheiro no bolso, e mal ou bem tinha o fundo de garantia, que na época era mais ou menos 400, 500 mil reis, cruzeiros, era muito dinheiro, muitos ao invés de ir embora para casa, ficaram no Rio de Janeiro, “batendo pernas”, bebendo. Então você encontrava bêbado caído na rua e diziam: ‘ah, é expedicionário’. Depois inventaram um tal de Centro de Recuperação de Incapazes das Forças Armadas, mas o CRIFA era mais uma prisão do que um centro de recuperação. Quiseram fazer como o americano, que tinha psicólogos... era um quartel velho, em que o cara ficava o dia inteiro lá internado. A maioria fugia ou então fazia bagunça no bairro. Era ali em Lins de Vasconcelos. Nós só tivemos um pouco de reconhecimento quando os filhos de nossos companheiros fizeram carreira militar, quando eles chegaram à oficial superior, eles começaram a ver o que o pai tinha passado, e começaram a prestigiar a FEB. Mas antes disso não. Você pra usar uma medalha, você ficava constrangido. Eu tive um soldado chamado chamado Ruiz, ele era meio alterado, na Itália chegou em um galpão quando o pelotão estava todo dormindo, pegou uma metralhadora de mão e atirou lá dentro, não pegou em ninguém. Eu dei 04 dias de prisão para ele, depois o comandante de companhia agravou. Um dia, quando era ajudante de ordens do general

⁷ LINS, Maria de Lourdes Lins. **A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação**. São Paulo: Editora Unidas Ltda, 1975. p.194

⁸ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. USP, 2003 (Tese de Doutorado), p.239 e 240.

Olímpio Mourão Filho, minha mulher disse que tinha um soldado me esperando, era o Ruiz. Ele queria ajuda, pois estava no CRIFA e lá não tinha nada. Ele queria que eu fosse com ele no Serviço Especial da FEB, consegui que ele baixasse no HCE para ser reformado com 2º sargento. Depois ele fugiu e foi lá em casa pedir ajuda pois tinha dado alteração e queriam colocá-lo na solitária. No final ele foi reformado e voltou para São Paulo. Ele era torneiro mecânico e fiquei sabendo que ele morreu de bebida. Os soldados eram assim, ficavam sem amparo por parte do Exército e nos procuravam para ajudar, não foi só ele que me procurou ou procurou outros da FEB. Até o General Covas que está em cadeiras de rodas tem gente que procura ele. Eles achavam que a gente é que tinha que resolver os problemas deles“.⁹

O retorno de uma experiência limite como a guerra resulta na formação de vínculos, laços de camaradagem criados no front que durante e após os conflitos bélicos, tornam soldados em “irmãos de armas”, expressão comum que denota a ligação criada entre esses homens e a identificação com seus respectivos distintivos. A criação de associações remonta um processo histórico, onde desde a segunda metade do século XVIII, civis eram recrutados e ao voltarem na condição de cidadãos-soldados buscavam seus direitos, através de benefícios e amparo prometidos por suas nações. A formação desses grêmios de ex-combatentes se tornou um fator de força social e política, tendo sido grupos de destaque no período entre - guerras, no século XX. Ao ressaltarmos o impacto desses ex-combatentes em suas sociedades de origem, a I Guerra Mundial trouxe valores de combatentes patrióticos com sentido de honra e companheirismo, forjados nos campos de batalha. A influência desses homens ressoou em cada população de forma diferente: se na França incutiram a importância da paz e cidadania, na Alemanha, derrotada em 1918, ganhou espaço o revanchismo e o nacionalismo extremista. Em outros países com os Estados Unidos da América e a Inglaterra, o pós-guerra se edificou em buscas por pensões e benefícios, já na Austrália a participação na I Grande Guerra trouxe uma justificativa formada nos conflitos para a construção de uma identidade nacional. Se o primeiro conflito mundial resultou em sua maior parte em um apelo restrito aos combatentes defensores da pátria, a II Grande Guerra foi um embate total, onde foram afetadas todas as sociedades, que de alguma forma participaram da luta. O retorno desses combatentes, em análise feita pelo historiador Francisco César Ferraz, impossibilitou a tomada para si das honras e fardos da guerra, pela sua própria caracterização como “guerra total”, não

⁹ COSTA, Marco Antônio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito**. UFJF, 2009. Dissertação (Mestrado em História), p. 235.

diferenciando militares e civis. Segundo o pesquisador paulista a Segunda Guerra “tornou todos um pouco vítimas e um pouco algozes na barbárie.”¹⁰

Ao enfocarmos o caso dos expedicionários brasileiros temos um impacto muito mais restrito em sua sociedade comparando com as grandes nações beligerantes. O envio de tropas a Itália, segundo Ferraz, nunca foi elevado a marco de referência histórico como foi nos Estados Unidos e Europa, esse fato fica exemplificado pela maioria de nossos livros didáticos e manuais que pouco citam e analisam o emprego de soldados brasileiros na II Guerra Mundial.¹¹ A rememoração da FEB no imaginário coletivo brasileiro nos trás alguns apontamentos necessários; temos por um lado a lembrança do período da guerra entre os populares marcado pela falta de produtos, alta dos preços e a super exploração do trabalho em detrimento a lembrança do envio de tropas para lutar na Europa. Em contraponto se compararmos o número de monumentos edificadas no Brasil aos mortos na Segunda Guerra, nomes de ruas, bairros, documentários, livros, etc., tornam se um indicativo contrário; a memória da FEB entre a sociedade brasileira não se restringiu somente ao meio militar e familiar dos pracinhas e sim, ressoaram de forma a deixar registros na memória nacional e italiana, cabendo então a historiografia trazer à tona passagens, apropriações e significados sobre esse episódio recente da história brasileira.¹² Um caminho que se descortina como “lugar de memória” e investigação são as associações de ex-combatentes.

As agremiações de expedicionários no Brasil enfrentariam as mesmas dificuldades de outros grupos de veteranos espalhados pelo mundo a fora, no tocante a reintegração social. O emprego de civis incorporados à reserva pelo serviço, a relação entre o Estado Nacional com os veteranos, sua volta à vida civil, a busca por direitos, a retomada dos vínculos criados na guerra pelas Associações e suas comemorações foram questões e problemas enfrentados por ex-combatentes das guerras mundiais em várias partes do globo.¹³ Ao exaltarem as datas e comemorações como vitórias, datas marcantes como a do embarque e a do fim da guerra, os ex-combatentes demonstram sua vontade e busca pelo registro, onde segundo Pierre Ansart

¹⁰ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. USP, 2003 (Tese de Doutorado), p. 242,257 e 258.

¹¹ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. USP, 2003 (Tese de Doutorado),p.59 e 60.

¹² ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. In: **Militares e Política**, nº 3 (jul-dez. 2008), p.15.

¹³ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. USP, 2003 (Tese de Doutorado), p.60.

são “as memórias dos fatos, das provas e sofrimentos suportados que são exortados a não serem esquecidos.”¹⁴ Os expedicionários representam no pós-guerra o papel de agentes de memória, definidos como “um conjunto de cidadãos que desempenham esforços de rememoração e valorização permanente de suas ações do passado não apenas com os objetivos de comemoração dos feitos, mas como condição de sobrevivência concreta e identidade social” (FERRAZ: 2005, p.240). Sendo assim, Francisco César define a associação de ex-combatentes como locus principal na preservação e estímulo a memória social; “lugares de memória”, sejam no termo físico como representativo.

O retorno da guerra apresentou um novo combate aos expedicionários, os problemas, já citados, referentes a reintegração forma determinantes para criarem associações, onde poderiam buscar por seus direitos e manterem os laços de companheirismo e celebração da campanha na Itália. Sendo assim, foi fundada no dia 1º de Outubro de 1945, a Associação de Ex-Combatentes do Brasil, entidade difundida para várias cidades pelo país.¹⁵ As associações congregavam elementos pelo local de residência de seus associados, tendo em suas seções, expedicionários dos três regimentos integrantes da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. A Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB) tinha como iniciativa promover a integração social entre os expedicionários vindos da guerra, representando seus interesses coletivos perante as autoridades, preservando e promovendo as conquistas dos brasileiros na Itália e prestando serviços sociais e jurídicos, tendo como principio ser apolítica. Com sua formação, a AECB mantinha se restrita aos ex-combatentes que integraram a FEB em solo italiano e os militares que patrulharam o litoral brasileiro, esse pré-requisito que foi “afrouxado” com o tempo e a expansão do conceito “ex-combatente” a outros tipos, como veteranos estrangeiros. As novas denominações de ex-combatente trouxeram um grande aumento ao número de não-expedicionários, que chegaram a ser predominantes em algumas seções em comparação aos integrantes da FEB. Se nos anos 1950 tivemos um acréscimo no número dos não expedicionários, posteriormente os benefícios foram estendidos a indivíduos que não participaram de diretamente de operações de guerra, tendo os não febianos superado aqueles que tiveram em combate nos Apeninos italianos. Com o decorrer dos anos, o

¹⁴ ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos. Memória (res) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível.** Tradução: Jacy Alves Seixas. Campinas: Unicamp,2001. In: RIGONI, Carmen Lúcia. **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história.** Curitiba:Imprensa Oficial, 2006. p.52.

¹⁵ LINS, Maria de Lourdes Lins. **A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação.** São Paulo: Editora Unidas Ltda, 1975. p. 204

Conselho Nacional da AECB tomou a decisão de não diferenciar os expedicionários das outras categorias de ex-combatentes. As discordâncias com a igualdade de reconhecimento perante o Estado e a sociedade entre ex-combatentes, levou a criação e a criação no Rio de Janeiro, grande reduto de expedicionários, do Clube dos Veteranos da Campanha da Itália, no mês de julho de 1963. Tendo como componentes expedicionários, civis e militares, o requisito preponderante para afiliação era portar a Medalha de Campanha, condecoração conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados que participaram de operação de guerra definida pelo Decreto- Lei nº 6.795 de 17 de Agosto de 1944. O clube tinha sua sede localizada na Rua das Marrecas, nº 35, na cidade do Rio de Janeiro, onde passou por mudanças em seu nome: Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (AVFEB) em 1969 e três anos após, para a atual denominação de Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB). Com 41 seções em todo país, a ANVFEB dispõe de um colegiado nacional e diretoria central com sedes no Rio de Janeiro.¹⁶ Nosso objetivo agora será o de situar a Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional de Juiz de Fora- MG, ressaltando sua trajetória e peculiaridades com relação ao cenário nacional.

2.2 OS VETERANOS DE GUERRA EM JUIZ DE FORA-MG: UM BREVE HISTÓRICO

Em reunião extraordinária no dia 08 de maio de 1947, o Professor Joaquim Henrique Vianna Júnior disse, registrado em ata, sobre a necessidade de fundação da Associação no município de Juiz de Fora, “para que não ficasse ao relento os nomes dos veteranos da Grande Guerra Mundial, pois que somente 2 anos após a guerra é que conseguimos nos organizar, o que desde o principio vínhamos fazendo com o nosso supremo e incansável sacrifício em cooperação dos maiores esforçados combatentes desta cidade, Adailton Garcia e Aliatar Andrade.” A fundação da Associação dos Ex-Combatentes de Juiz de Fora foi em 20 de abril de 1947, sendo esses dizeres registrados em sua segunda reunião em sede provisória na Avenida Rio Branco, Centro, nº 1906. Cabe destacar que o núcleo associativo juizforano foi fundado com grande auxílio e iniciativa de um civil, o então Professor Vianna Júnior; fato interessante se compararmos a formação das Associações de Ex-Combatentes por todo o Brasil. A seguir, cabe citar uma passagem da ata, onde é destacado o papel do catedrático na iniciativa de apoio aos ex-combatentes no regresso ao Brasil:

¹⁶ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. USP, 2003 (Tese de Doutorado), p.243-245.

“A seguir foi dada palavra ao Professor J. H. Vianna, que fez um amplo relatório apresentando em parte a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil em Juiz de Fora, declarando em primeiro plano que aqui não existia a Associação e que os dois primeiros Ex-Combatentes e os dois primeiros fundadores, que são o Sr. Adailton Garcia e o Vice-Presidente Adson Ferreira Marques, que sob as dificuldades de tudo e por tudo, foram ao encontro do Professor Vianna para que o seu serviço os servisse em algumas situações das mais difíceis que foram, com preferência na fundação e sede, pois dissemos que o Professor Vianna que antes da Guerra subiu à Tribuna para que os soldados do Brasil fossem enviados ao campo de batalha e assim foi justo, mas ao regressarem, os valorosos soldados da FEB, um desses que também foram com ele, saíram fora, mas que ele continuou de pé firme e à frente de todos, pois prometeu cumprir com seu dever sagrado em não desamparar os filhos do Brasil.”¹⁷

O amparo aos ex-combatentes e suas famílias aparece como um princípio recorrente as atividades da Associação, sendo descritas ações como coleta de dinheiro para apoio aos ex-combatentes e a oferta pelo professor de um espaço em seu colégio (hoje Instituto Vianna Júnior) para as reuniões, auxílio jurídico e posteriormente, matrículas para os dependentes dos ex-combatentes. Merece registro a natureza do auxílio prestado:

“Foram em primeiro lugar arranjados 48 empregos para Ex-Combatentes, embora não em boas condições, mas que já davam para ir se remediando; 16 comunicados de emergência; 09 Ex-Combatentes não especificados, 02 enterros; 04 Ex-Combatentes no Hospital de Itatiaia (Tuberculose), 06 na Santa Casa; 02 na Estância [...] Vieira Marques; 05 casas para Ex-Combatentes; 11 passagens; 04 dentistas; 36 chapas de RX [...] família [...] 06 [...] A; 05 curativo; 04 partos; sendo 02 casos gravíssimos. Ao finalizar, fez alistamento de todos os Ex-Combatentes que não eram eleitores e falou que ainda em Fevereiro próximo haverá abatimento para todos os Ex-Combatentes em casas de diversões, etc.”¹⁸

Com o tempo a Associação de Ex-Combatentes de Juiz de Fora se afirmou como entidade reconhecida pelo seu trabalho de apoio e congregação entre os ex-combatentes, aumentando o seu quadro de sócios, tendo em reunião datada de 26 de outubro de 1947, a presença de 200 ex-combatentes. Em termos de relacionamento tanto com a sociedade civil e militar, a AECB-JF buscava manter um constante diálogo com os militares, as demais sedes das associações, Poder público, administradores de fábricas e empresas, tendo emitido memorandos combatendo a suspensão dos ex-combatentes aos patrões das respectivas fábricas de Juiz de Fora; busca por empregos como na Companhia Mineira de Eletricidade, na Fábrica de Explosivos e Armamentos (F.E.A.) e ofícios enviados aos diretores de todas as

¹⁷ 1º LIVRO DE ATAS – 1947- 1949. ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DE JUIZ DE FORA, p.18

¹⁸ 1º LIVRO DE ATAS – 1947- 1949. ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DE JUIZ DE FORA, p.18

fábricas do município, pedindo aos mesmos que intercedam a favor dos ex-combatentes em suas firmas. A eleição do Professor Vianna Júnior para vereador consolidou se com a figura de um representante no legislativo municipal dos pedidos da Associação como ajuda financeira e a busca por um terreno onde seria construída a sede própria da AECB-JF.

A trajetória da Associação de Ex-Combatentes de Juiz de Fora refletiu de certa forma o processo histórico dos veteranos a nível nacional. Se no principio a Associação representava os participantes de conflitos bélicos no Teatro de Operações italiano, as mudanças na legislação ampliaram a denominação de “ex-combatente” que formam incorporadas ao quadro associativo. As discordâncias quanto ao nivelamento do reconhecimento público levaram a criação da Associação dos Veteranos da FEB (AVFEB), que dois anos após, em 1971, teve sua seção em Juiz de Fora, filiada a AVFEB da Guanabara. Assim temos a distinção entre Ex-Combatente e Veterano, suas denominações e multiplicidade de memórias sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A coexistência de duas associações em Juiz de Fora (AECB e ANVFEB) dividiu os integrantes de veteranos da campanha na Itália nas duas instituições. Em 1989, membros diretores e representantes das duas entidades iniciaram os entendimentos para a unificação dos veteranos da FEB em uma só instituição. Em ata do dia 11 de maio de 1989 lemos o registro pela iniciativa de união:

“O Sr. Presidente Geraldino esclarecendo que o motivo e finalidade desta reunião extraordinária conjunta é para ser tratada especificamente da possibilidade e da planificação com referencia à unificação das Associações dos Ex-Combatentes e dos Veteranos da FEB, desta cidade de Juiz de Fora, numa única sigla, assunto este, fruto de um velho sonho seu, que vem sendo apresentado e discutido, com muita seriedade, contando com o apoio crescente bi-lateral, como se [sic] das correspondências trocadas, para contactações, já realizadas, como também do conhecimento geral dos Srs. Associados.”¹⁹

Geraldino Ramalho era o presidente AECB e um dos principais idealizadores da fusão entre as associações. Em junho de 1989 prosseguiam os entendimentos, o Coronel Murillo Victor Hallow Carrão, presidente da ANVFEB, tem sua fala registrada em ata sobre uma única associação:

“Disse da alegria em sentir o coroamento do esforço em consolidar em Juiz de Fora a existência de uma só Associação, congregando todos aqueles que

¹⁹ LIVRO ATAS DA ASSOCIAÇÃO DE EX-COMBATENTES DO BRASIL SEÇÃO JUIZ DE FORA-MG, 1987 p.28

efetivamente lutaram no Teatro de Operações da Itália, os que atravessaram o Atlântico, subiram pelo Rio Reno, seguiram por caminhos minados, combateram nas colinas e nos morros ... cada um cumprindo sua missão. Fomos autênticos, continua o companheiro Perez, os verdadeiros Ex-Combatentes! E agora, aqui em Juiz de Fora, só existe uma associação de Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial ... de ex-combatentes unidos neste ambiente de camaradagem e de companherismo”²⁰

Após a unificação a Associação manteve a denominação do grupo dos veteranos, ANVFEB, fixando sua sede na rua Howian, nº 40, Centro, local onde antes era a sede da AECB, denominação que continuou existindo em Juiz de Fora com os associados “praieiros”, os “boina-verde”. O avanço dos anos revelou as dificuldades de manutenção como em várias outras associações pelo Brasil que fecharam suas portas ou doaram seus acervos. Em 2006, a ANVFEB-SR-JF doou sua sede própria para a Associação dos Militares da Reserva Remunerada, Reformados e Pensionistas das Forças Armadas (AMIR/JF), fixando em clausula de doação o compromisso de preservar e reinstalar o Museu e/ou Memorial da FEB. Esse ato se torna significativo ao declarar a importância desse “lugar de memória” para os veteranos, onde segundo Pierre Nora, o homem contemporâneo ao se deparar nas dificuldades de se manterem sua própria memória, consagra a ela “lugares” e aí cabe a História o papel de mediadora entre os homens e a tradição, inventariando os locais onde essa memória está destacada e preservada como encruzilhadas entre história e memória.²¹ Aí se encontra o objetivo do nosso próximo capítulo: destacar alguns dos lugares de memória dos veteranos na cidade de Juiz de Fora-MG.

²⁰ LIVRO ATAS DA ASSOCIAÇÃO DE EX-COMBATENTES DO BRASIL SEÇÃO JUIZ DE FORA-MG,1987, p.33

²¹NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury.São Paulo: Projeto História, 1993. In: RIGONI, Carmen Lúcia. **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006. p.75.

3 ACERVO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: LUGARES DE MEMÓRIA EM JUIZ DE FORA-MG

3.1 MUSEU DA FEB: DOCUMENTOS E PESQUISA

A criação espontânea de um museu torna-se uma ação de preservação de memória, valorizando uma determinada narrativa, resguardando documentos e objetos, criando um espaço com evidências do viver humano e a materialização de testemunhos escolhidos, delimitados. A constituição de um espaço museal como ato preservacionista no campo dos patrimônios, segundo a museóloga Waldisa Rússio Guarnieri, contribui para a formação de identidades culturais, onde ações de preservação, musealização e memorização estão interligadas a sujeitos e grupos por um ato de vontade e poder.²² O valor irradiador dessas questões se enquadra no conceito de documento como aquilo que ensina (*docere*) e o que pode ser utilizado para gerar o conhecimento, levando-nos ao conceito de Jacques Le Goff de documento/monumento como esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, certa imagem de si próprias.²³ Consideramos o documento como parte de um acervo, constituído de “bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que compõem o campo documental de determinado museu, podendo ou não ser cadastrados na instituição. É o conjunto de objetos/documentos que correspondem ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação.”²⁴ A dualidade entre objetos e documentos, define os objetos museológicos como sendo documentos, bens culturais capazes de promover uma visão crítica, representativa e suporte de informações.

Ao museu cabe contemplar a pesquisa como campo de ação conjunta a preservação e comunicação. A investigação do acervo cumpre o papel de ampliar as possibilidades de divulgação, viabilização a produção de conhecimento, ressaltando determinados contextos e realidades dos quais o objeto é testemunha. Nessa ação de pesquisa destacamos o museu da FEB “José Maria da Silva Nicodemos”, situado na sede da ANVFEB-SR-JF, e sua coleção rememorativa a participação de seus associados no Teatro de Operações italiano na II Guerra

²² RUSSIO, W. Cultura, Patrimônio e preservação. (Texto III). In: CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e memória. In: Ciências & Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº31, p.3-383, jan./jun 2002.

²³ LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**, p.95-97

²⁴ CADERNOS DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. Belo Horizonte: Secretária de Estado da Cultura, 2006.

Mundial e um pouco da trajetória da ANVFEB no pós-guerra. Em uma sala de 27,45 m², o museu não se constitui como um espaço institucionalizado e dotado de um planejamento museológico e sim no entusiasmo dos veteranos em manter um local celebrativo a FEB e aos seus companheiros (Figura 1). A coleção contém fotografias, cartazes, diplomas em óleo sobre tela; documentos históricos que compõem uma narrativa, emergindo memórias transformadas em história apresentada em um novo lugar de recordação.²⁵ Consideramos a fotografia como uma leitura do real elaborada através do tempo, sendo uma marca de uma materialidade passada na qual objetos, pessoas e lugares nos informam sobre determinados aspectos desse tempo vivido, sendo também um símbolo, do que a sociedade estabeleceu como a imagem a ser perenizada para o futuro; documento e monumento, informando e conformando uma determinada visão de mundo. Ao adotar o indicio de imagem/documento e imagem/monumento, cabe analisarmos essas imagens expostas no museu como narrativas que engendram memória, fontes históricas que necessitam de serem investidas de sentido crítico e problematizadas.²⁶

²⁵ GARBINATTO, Valeska. O historiador e as imagens, p.282. In: Ciências & Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº31, p.3-383, jan./jun 2002.

²⁶ MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**: Rio de Janeiro, vol.1, nº 2, 1996. p.73-98.

Ilustração 1 – Museu da FEB José Maria da Silva Nicodemos.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao adentrarmos a sala do museu chama a atenção um grande painel que reproduz as fotografias dos associados e alguns personagens marcantes falecidos na Campanha da Itália e homenageados pelos veteranos. Os associados não são necessariamente todos, provenientes de Juiz de Fora, mas de cidades vizinhas como São João Nepomuceno, Tabuleiro, Rio Novo e outros estados da federação. Outro dado interessante é que nem todos eram do mesmo regimento (11ºRI) por ocasião da guerra, encontramos elementos do 6º RI de Caçapava-SP e do Depósito Pessoal, onde serviram alguns veteranos que foram congregados na Associação. A disposição das fotografias denota um claro senso de hierarquia militar: logo acima dos associados, temos as fotografias do General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias (Comandante da Artilharia Divisionária); Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes (Comandante da FEB e da 1ª DIE), General Euclides Zenóbio da Costa (Comandante da Infantaria) e o General de Brigada Olympio Falconiere da Cunha (Inspetor Geral) e a placa Museu da FEB José Maria da Silva Nicodemos – 26/09/2005. Logo abaixo estão dispostas fotografias de momentos da campanha brasileira em ordem cronológica: a imagem de soldados com a legenda “Grupo de componentes da 9ª Cia. Do 11º RI – 3º Batalhão de São João Del-Rei-MG, sob o comando do Capitão Hugo de Abreu, onde aparecem Sds. Guilherme, Francisco Paula Fonseca e Angelini Barbieri – Foto de fevereiro de 1944”. Trata-

se, provavelmente de uma imagem durante o treinamento em São João Del-Rei-MG, visto que o embarque para o Rio de Janeiro fora feito em 14 de março de 1944, onde prosseguiu as instruções a tropa na então capital federal.²⁷ Vale ressaltar que esta era a Companhia (9ªCia.) do atual presidente da ANVFEB-SR-JF, Antônio de Pádua Inham, fato de relevância para a colocação dessa fotografia na exposição. Em seguida retrata-se o desfile das tropas na Avenida Getúlio Vargas em 1944, fotografia tirada antes do embarque. Logo após temos cópias de fotografias de grande destaque em livros, periódicos e outros museus, dentre essas, 14 fotografias foram doadas pelo soldado expedicionário João Pedro Paz. Todas elas contêm legendas, ampliando relações para o visitante ou pesquisador que encontrará uma justaposição de elementos visuais e textuais. Em sequência apresenta respectivamente com uma numeração SC 323735 e SC323718 e legendas em inglês, sendo a primeira contendo uma embarcação no porto de Nápoles logo após a chegada de um contingente da FEB, apresentando os Generais Vaz de Melo, Olympio Falconieri, Goanerges L. Souza, Cordeiro de Faria, Paula Cidade e Waldemior G. Ferreira, datada em 06 de Outubro de 1944. A segunda fotografia apresenta a chegada do 2º Escalão da FEB na Itália, sendo cumprimentados pelo General Mascarenhas de Moraes no desembarque em 11 de Outubro de 1944.

Acompanhando a chegada das tropas em território italiano temos uma chamada instigante: “Foto histórica: tirada do acampamento na área de Pisa- S. Rossore onde ficavam de quarentena os componentes da FEB assim que chegavam do Brasil”. A Quinta Real de San Rossore era o antigo campo de caça do rei da Itália, localizada perto de Pisa, o local recebeu quase 10.000 homens que foram preparados para enfrentar o inimigo com instruções na detecção de minas e no uso de recursos bélicos a serem empregados. A campanha brasileira foi sintetizada em um quadro posterior intitulado “Roteiro da FEB na Campanha da Itália”, feito pelo Gabinete Fotocartografico do Ministério da Guerra – 1945, de provável autoria de Alberto Lima. Ilustração de grande reprodução, detalha os números obtidos nos 239 dias de ação contínua com o inimigo (06/09/1945 a 02/05/1945): a FEB contou com um efetivo de 25.334 homens, enviado em 5 escalões e também por via aérea. Desse contingente, 15.069 foram empregados em ação de combate e 10.265 ficaram no Depósito de Pessoal e outros órgãos não divisionários. No mesmo quadro apresenta o número de prisioneiros capturados: 20.573 e os mortos (451 homens), feridos e acidentados (2722 homens) e 35 brasileiros feitos prisioneiros, sendo 23 os extraviados ainda não recuperados, desses 10 enterrados como

²⁷ ANDRADE, Delmiro Pereira de. **O 11º RI na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1950, p.17.

desconhecidos. Os números são controversos e dão conta de 462 brasileiros sepultados no Cemitério Militar de Pistóia, sendo 441 identificados e 16 não identificados e mais 5 mortos da FEB.

Imagens registram a FEB em combate, a partir dos embates ocorridos no mês de novembro de 1944, aumentam o número de feridos brasileiros que são atendidos inicialmente nos hospitais de campanha. Em uma fotografia de um militar tendo atendimento médico, encontramos uma legenda referente a um sargento da FEB ferido em combate recebendo os primeiros socorros de um colega do Serviço de Saúde no próprio local, datada de novembro/1944 com uma suposta referência: (54/museu), devido tratar-se de uma cópia essa fotografia pode ser pertencente a outro museu. O Serviço de Saúde da FEB era um órgão não divisionário, destinado a servir a Divisão como um todo e que fora criado antes do embarque, contando com 1369 profissionais como médicos, farmacêuticos, dentistas, intendentess, enfermeiras, sargentos, enfermeiros, administração, cabos e soldados, distribuídos em várias seções hospitalares anexadas aos hospitais americanos, esses eram os responsáveis pelo atendimento ao soldado brasileiro. Nesse contingente encontravam-se as enfermeiras da FEB, apresentadas em uma montagem intitulada “Enfermeiras Voluntárias da Gloriosa FEB – 2ª Guerra Mundial – 1939-1945 – Front Italiano – Período julho 1944 a 1945” As enfermeiras foram integradas ao Serviço de Saúde pelo decreto nº6097 de 13/12/1943, onde presidente Vargas criava o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército, logo após foi promulgado outro decreto nº14257, regulamentando o Quadro de Enfermeiras e dando acesso a 1ª classe, sem conferir nenhum posto militar. Essas profissionais da saúde deveriam portar o diploma de escolas de enfermagem reconhecidas pelo governo federal; das 67 jovens voluntárias, oito eram profissionais e as restantes eram samaritanas ou voluntárias socorristas e uma parteira. O número de enfermeiras apresentada é de 73 (67 enfermeiras do Exército e 06 da Aeronáutica), no quadro feito pela Enfermeira Cap. Ref. Da FEB Altamira Pereira Valadares, diplomada pela Escola Anna Nery e Cruz Vermelha-RJ e Curso E.E.R.E.²⁸

Se na narrativa da campanha da FEB ganha espaço o Serviço de Saúde, fotografias dos soldados brasileiros na linha de frente são destaque na exposição. Em foto da revista “Em Guarda”, temos expedicionários em algumas viaturas, identificados por Soldado Isaltino Ribeiro da Silva e o Cabo Eduardo Ramos de Oliveira em pleno inverno no front italiano, nos princípios de novembro aos meados de fevereiro de 1945, na chamada fase defensiva. Esse

²⁸ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de Guerra I – Anjos de Branco, o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)**. Curitiba: Editora Progressiva, 2010, p.45,57,74.

período adverso principalmente ao soldado brasileiro é contemplado por algumas representações no museu. Chama a atenção a descrição das patrulhas, em uma fotografia a legenda descreve sobre infantas da FEB com um uniforme adequado à neve, recebendo instruções de seu comandante de pelotão sobre o itinerário da patrulha e a missão a ser cumprida nas linhas alemãs, em noite de intenso frio, datada do período de inverno em 1944/45 com a referencia (78/Museu). Em outra fotografia semelhante os elementos textuais citam uma patrulha em pleno inverno vestidos com roupas de camuflagem apropriadas para a neve, salientando o frio de 20 graus negativos, essas ações representavam uma das mais difíceis missões da Infantaria na II Guerra Mundial. As patrulhas eram ordenadas pelo IV Corpo de Exército, onde estava incorporada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, passando ao comando das divisões e regimentos, chegando às companhias de fuzileiros.²⁹ Existiam três tipos de patrulha: a mais frequente era as de sondagem e informação, tendo como verificar seus dispositivos de defesa, suas posições, as armas utilizadas e a quantidade de homens, para isso recebiam informações dos habitantes locais e dos guerrilheiros “partigiani” e ao conseguirem os informes deveriam repassar aos comandantes. Existiam também patrulhas a fim de provocar atrito com o inimigo para reconhecer os seus dispositivos de defesa e ataque, e por último a mais famosa e perigosa, chamada de “golpe de mão”, ação que consistia em ir ao terreno inimigo e trazer prisioneiros para interrogatório a ser feito pelo serviço de informações.³⁰ Esse último tipo de patrulha é descrito em um recorte de jornal ou revista intitulado “Heróis Esquecidos (XXVI) – O “Golpe de mão”, dialogando com uma pintura em óleo sobre tela (95,5 x 62,5 cm) assinada por V. Zagloba, representando soldados brasileiros na neve no inverno italiano. Podemos inferir tratar-se de uma patrulha ou ação de ataque no período já citado de defesa agressiva do Vale do Reno. Conta-se 15 soldados e ao lado esquerdo do personagem em destaque aparece algumas pegadas, sugerindo que outros infantas também estão na ação representada. A farda dos soldados retratados, verde oliva, contradiz com as fotografias anteriormente descritas, onde aparecem expedicionários em capas de camuflagem para a neve; se foi um erro representá-los assim, pode ter sido uma questão estética para destacar os brasileiros naquele cenário hostil, ressaltando o enfrentamento ao desconhecido e a bravura dos combatentes, as ações de patrulha ganham espaço significativo na narrativa do museu.

²⁹ MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Grua, 201, p.247.

³⁰ FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p.55.

Ao descrevermos as patrulhas, temos a fotografia de um personagem de grande vulto na memória dos combatentes brasileiros; o Sargento Max Wolff Filho, paranaense, nascido em 1912 na cidade de Rio Negro. A famosa foto representada em vários livros e pesquisas sobre a FEB mostra o sargento a frente de sua patrulha com a seguinte legenda: “Sargento Max Wolff, herói da FEB, e a sua patrulha. Última foto antes de ser morto em combate” Integrante do 1º Batalhão do 11º RI, Max Wolff comandou uma patrulha com 12 homens afim de averiguar o terreno em Riva di Biscia no dia 12 de abril de 1945. Ao chegarem a um casario (cota 747) foram seriamente atingidos pelas metralhadoras postadas dentro de casa. O comandante Wolff morreu na hora atingido por uma rajada de metralhadora e dois de seus soldados tombaram no campo minado. Esse episódio ganhou grande repercussão entre a tropa e destaque pelo relato do correspondente de guerra Joel Silveira em seus livros. Se Max Wolff já era um referencia em vida, sua morte consolidou a figura do herói da FEB presente nas lembranças dos combates e pelos veteranos.³¹

A patrulha de Wolff foi uma das missões enviadas pelos batalhões para o reconhecimento e colher do inimigo, era o inicio da chamada Ofensiva da Primavera em abril de 1945 pelo IV Corpo do Exército Americano. Em uma ação conjunta com a 10ª Divisão de Montanha norte-americana, a Divisão brasileira tomaria a cidade de Montese, região de maior altitude em poder dos nazistas naquela frente de combate, ali terminavam as últimas posições defensáveis do Eixo na região, senão as novas posições de defesa e resistência só seriam encontradas nos Alpes, portanto o Exército Alemão dependia dessa posição de defesa para se manterem na Itália. Montese foi a localidade onde os expedicionários sofreram o maior número de baixas em toda a campanha, tendo o emprego decisivo do 11º RI, através do I Batalhão e o III Batalhão (o “Lapa Azul”) com a 8ª e 9ª Companhia no escalão de ataque.³² O combate em ambiente urbano e nas cercanias de Montese foi de 14 a 17 de abril de 1945, em uma dada fotografia avistamos a região montesina de frente a algumas posições de metralhadoras, o ataque é representado em uma imagem de jipes carregados com baterias de fogo, disparando projeteis atrás das linhas de concentração das tropas nazistas que, segundo a legenda, lançam um desesperado contra-ataque causando mais de 150 baixas a FEB. Em outra fotografia, o número de jipes, tanques, caminhões e artilharia e os dizeres da legenda, dão a

³¹ RIGONI, Carmen Lúcia **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006, p.179.

³² RIGONI, Carmen Lúcia **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006, p. 129 e 130.

dimensão do que foi a concentração de fogo na linha de frente. A tomada de Montese ganha representação na famosa fotografia do blindado M-8 do Esquadrão de Reconhecimento em uma rua de Montese. Sobre o blindado está o sargento que cuidava dos aspectos administrativos do Esquadrão; de grande divulgação essa fotografia pertence ao acervo do então Capitão Plínio Pitaluga.³³

Após duas semanas depois da conquista de Montese e manobras de perseguição, forçando a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. A situação das forças inimigas era preocupante e já se contavam os dias para a derrota da Alemanha Nazista; em uma foto estão quatro soldados alemães presos pelos expedicionários ao serem surpreendidos furtando tambores de gasolina, demonstrando a falta de condições para continuarem a guerra. Em outra fotografia temos as tropas da 148ª Divisão rendidas a FEB em 28 de abril de 1945, tendo como outro destaque o flagrante da fase final da rendição em Fornovo Di Taro, mostrando o General Zenóbio da Costa com o comandante da 148ª Divisão, General Otto Fretter Pico e o Major Kuhn, Chefe de Estado Maior da Divisão Alemã. Outro registro de um momento da rendição dá ciência de 15 mil homens, entre oficiais e soldados alemães da 148ª Divisão reunidos pela FEB, segundo a legenda traziam o distintivo da África Korps (Divisão de Elite criada pelo Marechal de Campo Erwin Von Rommel, que fora substituído pelo General Otto F. Pico). Em outra fotografia o General Falconieri da Cunha e o Coronel Nelson de Mello recebem a deposição de armas pelo General Fretter Pico. A rendição de uma Divisão, fato pouco comum na guerra na Itália onde as rendições eram feitas em unidades menores, tornou-se um feito de grande relevância para a campanha da FEB, demonstrado pelas 5 fotografias apresentadas na exposição.

Antes mesmo da rendição total das tropas alemãs em território italiano, Benito Mussolini e sua esposa Clara Petacci e os membros de seu governo da República de Salú foram aprisionados e posteriormente fuzilados ao tentarem fugir perto da cidade de Lago de Como, na fronteira da Suíça. Em Milão, seus corpos foram pendurados de cabeça para baixo em um posto de gasolina, fato que foi registrado pelo expedicionário João Carturano com o título em italiano “Giustizia é fatta – Milano – 29/04/1945”, em detalhe: p.46 – Riprod vietata. Em 02 de Maio de 1945 terminavam as hostilidades na Itália e seis dias a Alemanha capitulava, era o fim da guerra. A Divisão Brasileira desempenhou tarefas de ocupação militar até dia 03 de junho de 1945, atuando na região de Alessandria e Piacenza e logo após

³³ NETO, Ricardo B. **A Nossa Guerra: Os Brasileiros em combate 1942-1945**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p.176.

concentrando-se em Francolise para os preparativos do retorno ao Brasil. O Dia da Vitória (08/05/1945) e a fotografia do Cemitério Militar de Pistóia na Itália apresentam a dualidade do fim de uma guerra de proporções jamais vistas.

O espaço museal ao contemplar a participação brasileira na II Guerra Mundial faz referências através dos distintivos as Forças Armadas brasileiras: a Marinha de Guerra do Brasil, a FEB e o 1º Grupo de Caça da FAB, a participação da Força Aérea Brasileira era ligada a Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), contingente de 30 homens subordinados à Artilharia Divisionária e destinado a regulação de tiro da artilharia, de observação do campo de batalha e missões de ligação, já o Grupo de Caça foi empregado como unidade de caças-bombardeiros. Já a Marinha brasileira teve que se preparar contra os ataques aos navios mercantes em nosso litoral, esse fato ganha propriedade pelo quadro “Navios da Marinha brasileira torpedeados durante a 2ª Guerra Mundial” listando os ataques desde 14/02/1942 a 23/10/1943, totalizando 975 mortos na costa brasileira. O torpedeamento dos navios mercantes e sua descrição corroboram o porquê de terem sido enviadas tropas para lutarem na Europa nas narrativas dos veteranos. As referências as unidades componentes da FEB, Forças Armadas e alegorias estão presentes em distintivos em pequenos quadros de madeira, entre eles estão a Companhia de Transmissões, CPOR, 1º Batalhão de Saúde, 11º RI (Regimento Tiradentes), Esquadrão Comando do Estado Maior, o Pelotão de Polícia do Exército, 1º Grupo de Caça da FAB, 9º Batalhão de Engenharia de Combate – Aquidauana-MT, 1º Esquadrão de Reconhecimento, Comando da 1ª DIE e Marinha de Guerra do Brasil. As alegorias e símbolos da FEB mostram o desenho da cobra fumando feito pelo Estúdio Disney. Já no teatro de operações italiano após algumas derrotas na chamada linha Gótica, o Major americano propôs o uso de um distintivo para elevar a moral da tropa brasileira, representando seu espírito de luta e identidade. Após entendimento com o comando da 1ª DIE foi decidida a expressão “a cobra está fumando”, popular entre os expedicionários em uma clara alusão a frase: “Mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra”. Decidido o símbolo, o mesmo se mostrou inviável para ser bordado em tecido. Simplificando o desenho, o Terceiro-sargento Ewaldo Meyer adaptou o distintivo que se tornou símbolo dos veteranos no pós-guerra, suas cores são representativas da fusão de cores entre a bandeira brasileira e a estadunidense, visto que a FEB estava incorporada ao IV Corpo do V Exército Americano.³⁴ O “5th Army” tem seu símbolo retratado em duas oportunidades no museu. O

³⁴ MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Grua, 2010, p.304 e 305.

5º Exército de Campanha Norte Americano tem como distintivo o desenho de uma mesquita azul em homenagem ao seu local de ativação na cidade de Oujda, Marrocos Francês, em 05 de janeiro de 1943, em conjunto com a letra A referente a palavra Army e o numeral indicativo da tropa. O 5º Exército Americano foi comandado pelo Tenente-General Mark Clark e composto por tropas do Exército e da Guarda Nacional norte americanos e por tropas estrangeiras (ingleses, canadenses, poloneses, indianos, brasileiros, entre outros). Foi o primeiro Exército Americano a combater na Europa durante a II Guerra Mundial, iniciando na Sicília em 1943 e desativado em outubro de 1945.³⁵

Certificados e diplomas demonstram o reconhecimento aos veteranos, tanto de instituições militares como civis, fazendo menção ao aniversário do fim da guerra e comemoração as vitórias da FEB em nome da ANVFEB-SR-JF. Cabe ressaltar a relação entre os italianos e a Força Expedicionária Brasileira demonstrada através de fotografias e cartazes, referentes às homenagens feitas na Itália ao soldado brasileiro, desde registros fotográficos na época da guerra aos monumentos dedicados aos expedicionários brasileiros.

Os inimigos são recordados por alguns objetos e documentos no museu, chama atenção um salvo conduto, escrito em português, conclamando a rendição dos brasileiros através de uma propaganda psicológica, reforçando a superioridade do Exército Nazista e a falta de motivos para os brasileiros lutarem. Exposto em uma das vitrines temos um capacete alemão, provável souvenir de guerra trazido pelos brasileiros; o agora objeto museológico evoca a lembrança dos adversários germânicos.

Esse capacete do Exército Alemão é considerado um dos itens militares mais famosos das Forças Armadas alemãs no século XX. O primeiro modelo de capacete de aço alemão surgiu na metade da I Guerra Mundial, em 1916, sendo posteriormente utilizado até o final da II Guerra Mundial, servindo como modelo aos capacetes contemporâneos. Após o fim da I Guerra Mundial e as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, muitos exemplares foram destruídos e só voltaram a serem produzidos em 1935, totalizando cerca de 35 milhões de capacetes em várias versões em 1945. Apesar de ser um item original, contem duas suásticas pintadas no pós-guerra.³⁶ Outro objeto museológico original trata-se de uma cobertura usada pelos soldados alpina italianos durante a guerra, doada pelo historiador italiano Giovanni Sulla, residente em Montese (ITA) em maio de 2005.

³⁵ 10º BATALHÃO DE INFANTARIA. **Catálogo imagens e História do Exército Brasileiro no acervo do Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Souza**. Juiz de Fora, 2011, p.15.

³⁶ Ibid, p. 9.

Na mesma vitrine encontramos capacetes que narram um pouco da trajetória do Exército Brasileiro no século XX. Os dois primeiros: um capacete francês e inglês remonta a Revolução Constitucionalista deflagrada pelo estado de São Paulo em 09 de julho de 1932. Em seu esforço de guerra os paulistas criaram diversos departamentos, sendo um deles para a confecção de capacetes de aço para equipar todos os seus combatentes. Para a produção dos capacetes foram apresentados dois exemplares, um francês Adrian modelo 1915 e um inglês MK1 modelo 1916, vindos de uma coleção particular. O modelo francês foi aprovado, mas sofreram algumas alterações, principalmente na chamada “crista de galo”; já o modelo inglês foi copiado na íntegra. Símbolo da Revolução de 1932 nas ilustrações e gravuras, foram fabricados 70.000 capacetes dos três modelos (um do modelo inglês e dois do modelo francês) tendo sido distribuída a maior parte para as tropas paulistas. Com o fim do conflito após três meses, o governo federal apoderou-se dos estoques e das linhas de montagem, inserindo o uso do capacete de aço no Exército Brasileiro, dando prosseguimento à produção dos mesmos; sendo utilizados já no período da II Guerra Mundial. O modelo francês Adrian 1915 “crista de galo” cinza exposto, encontra-se com um pequeno amassado em sua parte superior e sinal de ferrugem; o capacete inglês MK1 modelo 1916 apresenta-se desgastado e sem pintura.³⁷

A adesão do Brasil aos Aliados e a formação e envio de tropas para a guerra, aproximou o Exército brasileiro à doutrina de guerra norte-americana. Representativo disso são os últimos três capacetes na vitrine, modelo M-1 de aço com um de fibra por dentro e outro desse último material separado. Esse capacete foi o modelo mais fabricado no mundo até hoje, sendo utilizado pelo Exército após o retorno vitorioso da FEB em 1945.³⁸ A influência da indústria bélica norte-americana é demonstrada também nos rádios apresentados em uma mesa improvisada como objeto museográfico. Além de dois telefones, TM 132 modelo 1936 nº51 e TLF 1ª modelo 1952 nº 387, encontramos o rádio portátil BC 611 “Hand talkie”. Fabricado pela Galvin Mfg. Co. nos Estados Unidos, era um rádio utilizado pelos grupos de combate (alcance de 8Km) e não era individual apesar de portátil, sendo um dos primeiros rádios transmissores americanos a serem utilizados em um conflito bélico, tornando-se o precursor para os atuais aparelhos portáteis de campanha.³⁹ Em sequência a

³⁷ BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Capacetes de aço no Exército Brasileiro 1932-2004**. Juiz de Fora: UFJF, p.1-6.

³⁸ Ibid,p.8.

³⁹ 10º BATALHÃO DE INFANTARIA. **Catálogo imagens e História do Exército Brasileiro no acervo do Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Souza**. Juiz de Fora, 2011, p.13.

última vitrine apresenta uma diversidade de objetos como uma marmita de alumínio, talheres, caneca, produtos de primeiros socorros americano de uso individual e materiais bélicos como uma peça de morteiro, granada e estojos de munições variadas referentes a Companhia Brasileira de Cartuchos.

Nesse mosaico de histórias, homenagens e lembranças destacaram a referência nesse espaço museal aos que tombaram nos campos de batalha. Uma placa enviada pela ANVFEB do então estado da Guanabara homenageia os bravos juizforanos mortos na Itália: Hélio Thomaz, Osmar Côrtes Claro, Vicente José de Almeida, Francisco de Almeida, Wilson Abel de Oliveira e Clério Bortolo. As fotografias do monumento aos veteranos mortos localizado em Juiz de Fora descortina a existência de outros lugares de memória que também se constituem parte do acervo do museu da FEB.

3.2 MONUMENTOS E HOMENAGENS: A FEB NO CENÁRIO URBANO

Registros em todo Brasil dão conta de 192 monumentos referentes à FEB até meados dos anos 80 em 165 cidades. Esse número relevante demonstra a inserção desses locais de memória da participação brasileira na II Guerra Mundial na paisagem cívica nacional.⁴⁰ Em Juiz de Fora podemos destacar algumas menções a FEB em monumentos, ruas, instituições, entre outros. Representações que homenageiam os “filhos da cidade” foram identificadas em duas vias do município: Rua Cabo Hélio Thomaz no bairro Cerâmica e a travessa Clério Bortolo, Centro. O 3º sargento Clério Bortolo, filho de Luiz Bortolo e de Angelina Marcato Bortolo, tombou em combate no dia 12 de abril de 1945 em Montese, por conta de uma explosão em campo minado por ocasião de comando de uma escolta de prisioneiros ao Posto Médico do Batalhão. Recebeu postumamente, as medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe, por essa última condecoração no decreto lê-se: “por uma ação excepcional na Campanha da Itália”⁴¹. Sobre o Cabo Hélio Thomaz, destacaremos mais a frente na relação entre alguns veteranos e o museu. Outros expedicionários foram homenageados em vias juizforanas, como a Rua Major Antônio Olímpio Duarte, no bairro Santa Cândida. Natural de Barbacena-MG serviu no 6º Regimento

⁴⁰ ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. In: **Militares e Política**, nº 3 (jul-dez. 2008), p.8.

⁴¹ BARROS, Aluízio de. **Expedicionários Sacrificados na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1957, p.78.

de Infantaria, Companhia de Obuses e no pós-guerra foi presidente da AECB/JF. Já a Galeria Tenente Belfort Arantes, no Centro, faz referência ao 2º Tenente José Belfort de Arantes Filho, falecido em ação no dia 6 de fevereiro de 1945 em Bagga, ao tombar num campo de minas anti-pessoal, agraciado com as medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe.⁴²As homenagens se estendem a instituições militares, homenageando seus espaços, salas de instruções com os nomes de veteranos de Juiz de Fora e região.

As analisarmos as recordações aos veteranos podemos notar afirmação de grandes vultos e símbolos da FEB em entidades como o Grupo Escoteiro Montese e Max Wolff, a Escola Estadual General Mascarenhas de Moraes no Teixeiras e o bairro Monte Castelo. A questão do herói parece estar enraizada em algumas dessas lembranças; em requerimento nº 556 pela correção do nome da travessa Clério Bortolo temos a referência de seu nome como herói da FEB, dizeres esses repetidos no monumento aos expedicionários que traz a seguinte placa: “Aos Heróis da FEB. Homenagem do Povo de Juiz de Fora”. A figura do herói se torna reflexo de um sentimento de reverência ao soldado da FEB como representantes do Brasil na luta contra o Eixo para a defesa da democracia mundial. Simboliza um ato de coragem que só pode ser incorporado aos heróis, exemplo de segurança e paz aos oprimidos, indicando o caminho a ser seguido pelos demais e demarcando uma finalidade mobilizadora.⁴³

O heroísmo destacado demonstra um patriotismo local e tributo cívico de sacrifício com a participação da cidade na defesa da pátria. Na Praça do Riachuelo coexistem dois monumentos aos expedicionários, o primeiro, já citado pela placa, foi inaugurado em 24 de maio de 1950, sendo caracterizado por uma estátua elevada de um soldado com fuzil em punho, o brasão da República brasileira, uma coroa de louros e inscrições as Forças Armadas: Exército, Marinha e Aeronáutica. O outro espaço de memória demarca uma alusão militarizada, sendo popularmente conhecido como “Monumento das Forças Armadas”. Sua clara referência as três armas só é distinguida pela placa inserida pela ANVFEB-SR-JF: “Monumento aos Veteranos da 2ª Guerra – Visita aberta ao público diariamente de 09:00 às 17:00 horas – Uma homenagem àqueles que tombaram nos campo de batalha” Em seu interior abriga as seguintes placas:

1ª Placa:

⁴² FILHO, Álvaro Duboc. **Histórias de pracinhas contadas por eles mesmos**. Juiz de Fora: Associação Nacional dos Veteranos da FEB, relatos coletados entre 1975 e 1982.p.136 e 137

⁴³ AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Dissertação (mestrado). 2001, Curitiba, Paraná, Universidade Federal do Paraná.

Ao Marechal Mascarenhas de Moraes - Comandante da Força Expedicionária Brasileira - Honenagem da 4ª C.S.M. Ao ensejo do Centenário de seu nascimento - 13 de setembro de 1883.

2ª Placa:

Monumento aos Expedicionários de Juiz de Fora. Em eterna vigília mantém a chama de gratidão por seus heróis Governo Saulo Moreira - Janeiro 1977

3ª Placa:

ANVFEB Seção Regional de Juiz de Fora. Agradece ao Cmt da 4ª RM. General de Brigada Tirteu Frota as placas expostas neste monumento.

Os símbolos referentes ao Exército, Marinha, Aeronáutica. Com menção a FEB e a FAB, segue as placas com as principais batalhas da FEB na Itália e aos pracinhas mineiros mortos em combate. Ao 1º Grupo de Caça da FAB na Campanha da Itália, destaca suas missões e o número de 8 oficiais aviadores mortos tendo 16 de seus aviões P-47 abatidos.

O monumento constitui se como um rito comemorativo as Forças Armadas relacionando as como lugar de memória das vitórias da FEB, a participação do 1º Grupo de Caça da FAB e uma homenagem a todos os expedicionários mineiros mortos em combate (Figura 2). O espaço do monumento foi empregado para comemorações cívicas como o dia da Independência do Brasil e militares como a tomada de Monte Castelo. Em 2010, um projeto de reurbanização e revitalização das principais avenidas de Juiz de Fora previa a extinção da Praça do Riachuelo e a destruição do último monumento descrito. Em entrevista o presidente da ANVFEB-SR-JF disse estar respaldado pela documentação que cede o terreno para a implantação do monumento. Antônio de Pádua Inham afirmou: “Vamos aguardar a Prefeitura se pronunciar, porém, só iremos aceitar a retirada da praça se o monumento for erguido, igualmente em outro espaço público. Precisamos do progresso, mas não podemos esquecer nossa história”⁴⁴. Patrimônio abandonado ou não, o monumento se torna um local de resistência da memória dos veteranos no espaço urbano de Juiz de Fora (Figura 3).

⁴⁴ BRUM, Roberta. Obras começam pela Rio Branco. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 04 abril 2010, p.5.

Ilustração 2 – Monumento aos Veteranos da 2ª Guerra Mundial.



Fonte: Acervo pessoal.

Ilustração 3 – Degradação do monumento.



Fonte: Acervo pessoal.

4 SUJEITOS E MEMÓRIAS: A RELAÇÃO DOS VETERANOS COM A COLEÇÃO

4.1 OS VETERANOS E O MUSEU: VOZES DE UM CONFLITO

Passos vagarosos e olhar contemplativo, as fotografias e objetos parecem aproximar o passado. A relação entre o veterano, homem/sujeito e o documento/bem cultural, onde se encontra o despertar da memória, abrindo caminhos para a comunicação de idéias, sentimentos, sensações e intuições.⁴⁵ Quem são esses sujeitos e quais são as reminiscências que surgem a partir dos objetos museológicos, esse é o nosso objetivo deste capítulo. Quando falamos sujeitos, nos referimos aos responsáveis diretos, como indivíduos formadores de uma identidade coletiva. O processo de pesquisa e divulgação se torna instigante com os relatos dos veteranos e a sua possibilidade de apropriação e sentido a coleção. A investigação relacionada com outros testemunhos emerge do objeto prioritariamente sua carga documental, dotado enquanto monumento destinado a evocar determinada memória.⁴⁶

Quais são então as lembranças que surgem no contato do veterano, seu olhar, com a coleção exposta no museu. Tivemos uma grande oportunidade de contar com relatos de alguns associados, fato que possibilita uma maior compreensão desses objetos e documentos expostos e seu significado. Se ao museu falta um planejamento museológico, como legendas explicativas, as entrevistas constituem o espaço de um maior sentido e interpretação ao apresentar narrativas intrínsecas ao documento/bem cultural. A referencia aos associados e companheiros falecidos em combate é destaque na exposição, como fora descrito. José Maria da Silva Nicodemos, nascido no distrito de Araci no município de São João Nepomuceno-MG em 26 de Setembro de 1926, integrou a FEB como Cabo apontador do morteiro 81 mm da Companhia de Petrechos Pesados do 11º RI, sediado em São João Del-Rei-MG. Ao contemplar as fotografias de seus companheiros, Zé Maria estabelece um dialogo com José Lopes de Oliveira, nascido em Tabuleiro-MG, que foi a guerra como soldado cozinheiro da Companhia de Petrechos Pesados I:

“São, de companheiros nossos que por aqui passaram... não digo a maioria, 90% deles aí serviram no 12º RI, no pré-guerra, e... alguns deles participaram da Associação, mas tem alguns também que não são daqui, que não serviram, quer dizer não participaram da Associação mas forma

⁴⁵ CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e memória, p. 18. In: Ciências & Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº31, p.3-383, jan./jun 2002.

⁴⁶ JULIÃO, Leticia. Pesquisa Histórica no Museu. In: **Cadernos de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretária de Estado da Cultura, 2006.

companheiros, ali por exemplo tem a foto do... Frei Orlando, né?! Ali a foto do Frei Orlando, ele não serviu, ele serviu no 11, mas foi um companheiro, perdeu a vida, não em combate mas num acidente. **Zé Lopes:** - Foi no campo de batalha né?! É, um acidente de arma de fogo, disparada acidentalmente que o vitimou... **Zé Lopes:** - Diz que ele foi arrear uma pedra com o fuzil! Foi um guerrilheiro italiano, eu não lembro mais o nome do italiano não. **Humberto:** - Tem mais algum que foi companheiro de vocês? Acho que consta até mortos em combate. Sim, tem, tem si... o que mais que eu vou dizer?!... aí tem a foto de um soldado de nome Altivo, aqui de Juiz de Fora, eu recordo dele, Altivo Isidoro, eu recordo dele, recordo como funcionário do Laticínio Candido Tostes... depois da guerra, trabalhou lá... já ouvi duas ou mais vezes uma história a respeito dele... que, história essa que fala, num feito, de coragem né?! Demonstrada por ele, que ele recebeu a medalha americana chamada Silver Star, ou seja, medalha de Prata, agora com relação a isso eu fico muito preocupado, porque há vários anos, fazendo parte da Associação, junto com os demais companheiros aí, eu fui um dos que sempre, que tive contato com pessoas da família dele... eu sempre pedi, que fosse trazido aqui, pra gente tirar, eu falo cópia Xerox, porque do diploma, porque medalha sem diploma não vale nada, que pra gente também enriquecer esse pequeno museu, esse memorial aqui, mas infelizmente até agora que nós estamos conversando aqui, não valeu meu pedido não ... a Fátima nossa secretária ali, também nos ajudou muito com esse pedido,... até agora nada, é pena né?! Porque...é um feito sem similar, porque é, digamos assim, o que eu lembro da minha Companhia, do meu Batalhão, do meu Regimento, não é... nunca ouvi falar de um soldado tivesse recebido da mão do Comando americano, a medalha de Prata... entendeu... quer dizer, é uma coisa extraordinária, que deveria estar aqui pras pessoas até se orgulharem de um conterrâneo que foi homenageado dessa forma...⁴⁷

Nessa conversa Zé Maria cita o 12º Regimento de Infantaria, que na época era situado em Juiz de Fora e de onde fizeram parte a maioria dos associados. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária foi composta por três unidades de Infantaria: o 1º, o 6º e 11º, respectivamente das cidades do Rio de Janeiro, Caçapava (SP) e São João Del-Rei (MG). A escolha dessas pequenas cidades interioranas é creditada ao fato de serem em eixos ferroviários que facilitavam a locomoção a capital federal, o Rio de Janeiro. Tanto o 12º RI de Juiz de Fora e o 10º RI, então em Belo Horizonte foram deslocados para São João Del Rei, compondo o 11º RI em conjunto com elemento oriundos do Sul e Nordeste do país⁴⁸, o contingente das duas cidades mineiras contou com 1572 praças.⁴⁹

⁴⁷ Entrevistado no dia 08/11/2011.

⁴⁸ COSTA, Marco Antônio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito**. UFJF, 2009. Dissertação (Mestrado em História), p.54.

⁴⁹ ANDRADE, Delmiro Pereira de. **O 11º RI na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1950, p.15.

A recordação de Frei Orlando provoca um dialogo entre os dois veteranos sobre a causa de sua morte. Capelão militar do 11º RI, Antônio Álvares da Silva, conhecido como Frei Orlando, o sacerdote faleceu em 20 de fevereiro de 1945, vítima de um disparo acidental dado por um militar italiano ao tentar remover uma pedra, que impedia a passagem do jeep, como lembrou Zé Lopes. Figura querida entre o 11º RI e toda a FEB, Frei Orlando morreu a caminho de mais uma de suas visitas a linha de frente próximo a Bombiana, sendo hoje considerado patrono do Exército Brasileiro e personagem marcante entre os veteranos. Após a recordação de Frei Orlando, Zé Maria ao fitar o mural de fotografias relembra da condecoração concedida ao soldado Altivo, destaca importância de ser registrado no museu através do diploma da medalha Silver Star, deixando transparecer sua percepção sobre esse espaço museal e seu gênero.

O processo de preparação e organização da FEB não passa despercebidos nas reminiscências dos veteranos, Zé Maria faz um análise crítica do sigilo do embarque ou falta do mesmo em consideração a espionagem feita por partidários do Eixo após o Brasil se posicionar ao lado dos Aliados:

“Nesses anos todos de organização e preparo, e a participação, viagem para Europa, participação no território italiano, de combates de luta armada... eu fico pensando em coisas que aconteceram no passado na preparação, por exemplo, um determinado dia de setembro de 1944... nós, quando eu falo estou referindo ao meu pelotão minha companhia mas pode-se dizer que o batalhão né?! E também o regimento, nós estávamos preparados... pouco, pouco mais de 05:00 horas da manhã.. com uma bagagem previamente organizada, descemos em direção da Estação ferroviária chamada Realengo, na região chamada Vila Militar, na cidade do Rio de Janeiro... ao chegar na estação, uma composição ferroviária composta de máquinas e vagões de passageiros, estavam a nossa disposição, a nossa espera... nós embarcamos, dali nós fomos direto para o cais do porto... no Rio de Janeiro, onde o navio transporte já nos esperava ... então eu com o passar do tempo, lembrando coisas daquela época, eu fico querendo entender porque a composição na qual eu estava, eu acredito que os outros também, as outras companhias, os outros batalhões estavam também embarcadas... porque estavam com as janelas fechadas? Porque eram muito comum, Quinta – coluna, espionagem, coisa... então eu acho que aquilo dali era pra que ninguém visse que estava um contingente militar, indo para o cais, indo para o cais do porto... Ora fazer o que no cais do porto? É até aí eu concordo, mas acontece o seguinte.. que poucos dias antes foi realizado um desfile, e ali tem uma foto, foi realizado um desfile na Avenida Rio Branco, começando no Aterro, no então Aterro do Flamengo, em direção a Avenida Rio Branco ... e após o desfile ... uma marcha forçada, até o... aquartelamento, o chamado morro do Capistrano na Vila Militar... ora, foi chamado, a imprensa publicou, fotos, foi chamado de desfile da despedida ... aí e o Quinta Coluna e espionagem, se aquilo foi chamado de desfile da despedida, despedida pra onde? Então

isso pra mim é muito estranho, não consigo entender até hoje... ali tem a foto, „desfile no Rio de Janeiro.”⁵⁰

A chegada a um país estranho, destruído pela guerra, trouxe a verdadeira dimensão do que encontrariam na Itália, Zé Lopes como cozinheiro teve um contato próximo com a população e relata de maneira simples:

“chegamo lá, logo vimos só pobreza, logo que chegamos no cais do porto, só pobreza, até cigarro eles pedia... porque o alemão quando passou primeiro do que nós levou tudo que eles tinha... e então eles pedia, pedia comida, pedia cigarro, pedia tudo... e agente fazia, na medida do possível, servia, porque não tinha, agente tinha então dava sobra de comida, alguma manteiga também, eu já ajudei, pacote de manteiga e foi assim... tanto que eles são gratos até hoje, cê vê né?! **Humberto: - Pelas fotografias vemos que existem homenagens até hoje...** Pois é, o caso... o Toninho chega lá, o pessoal daqui chega lá eles não sabem o que vai fazer. É verdade, para o resto da vida rapaz... e agente tinha contato assim, chegava às vezes, panhava amizade numa casa, agente ia naquela casa, freqüentava aquela casa né?! É lá tinha os muares, dormia debaixo de casa numa estrebaria que tinha sempre debaixo de casa, agente ia pra lá, conversava, quando tinha folga era assim... eu, inclusive eu gostei de uma menina lá... e na casa dela, eles dormia juntos com os muar lá embaixo.. então agente às vezes ficava lá dentro de casa conversando, até na hora de ir dormir, eles iam dormir agente ia pro rumo da gente e eles iam dormir... então o italiano, a italiana ficava esperando a moça entrar pra dentro... e eu ia embora pra lá, outro dia conversava de novo. **Humberto: - Você teve contato com ela depois?** Não, aí não, aí depois quando muda daquele lugar, esquecia todo mundo... não via mais, mas era muito bom, sabe?! Agente respeitava também”⁵¹

Ao lembrarem as localidades por onde passaram, o lugarejo chamado Gaggio Montano é recordado através de uma fotografia atual com o título “Gaggio è um Miraggio... tutto l’anno” (Gaggio é uma miragem... todo o ano). Zé Maria relembra suas duas passagens pelo local:

“Ô Humberto, o que eu quero falar com você a respeito dessa localidade italiana chamada Gaggio Montano, nas montanhas né?! Apeninos, de frente pra montanha, a esquerda de Monte Castelo, é um lugar mesmo com a destruição existente, é um lugar bonito pra caramba rapaz, é montanhas né?! É um lugar muito, então da minha parte, eu tenho uma historinha, interessante pra mim, a respeito, a primeira vez, que, a minha seção de morteiro ocupou posição na, eu vou te dizer assim, na rua, do lugarejo, da cidadezinha... nós ocupamos, uma casa que tinha o nome de casone, porque ela era, num formato, quadrado, primeiro e segundo andar, então dava

⁵⁰ Entrevistado no dia 07/11/2011

⁵¹ Entrevistado no dia 08/11/2011

impressão de um conjunto de apartamentos num quadrado aqui, pra você ter idéia, pra entrar dentro, parede aqui, parede lá, parede aui, aqui tinha a entrada do pátio, portão largo, entrada do pátio... eu recorro que existia, ainda morando lá, nesse casone, eu lembro de uma senhora, só lembro como dona Maria, não recorro mais nada, e lembro de uma estudante, uma mocinha de uns 14,15 anos, chamava-se Bruna, não lembro mais nada também, honestamente. E nós permanecemos um período, lá nesse lugar, e primeiro quero te contar o seguinte, é soldado, seja em que momento for, soldado seja de que raça for acredito que todos eles tem o mesmo modo de agir e de pensar, brincadeiras, brincadeiras sinistras, brincadeiras, é, incríveis, ou seja, a todo momento que começava um bombardeio na nossa área, sempre tinha um que gritava: - Curto, 100 metros. Em linguagem militar, naquela época, significava, que o tiro foi longo, para o atirador encurtar 50 metros e acertar agente, agora, imagina você Humberto, se isso é tipo de brincadeira. Então uma determinada noite, no meio de novembro de 44, já quase, chegando em dezembro, tava essa história; – Esquerda, 100 metros, direita 50 metros, cada um falava uma bobagem lá, de repente, o atirador adversário, acertou dois tiros, na soleira daquilo que era, ou tinha sido a porta de entrada para, para uma, um dos apartamentos, vamos colocar assim no casone, Humberto, foi um susto... e ao mesmo tempo de agradecimento a uma divindade, porque, pode acreditar... as duas peças de morteiro nossas foram avariadas, fazer tiro, tava todo mundo abrigado, no que restava da cozinha da casa, e, além da explosão ter avariado os dois morteiros, o deslocamento de ar, das duas explosões, foram direto numa mesa, mesa de cozinha né?! Onde estava, vários, vários pacotes, contendo pão, contendo manteiga, contendo alimentos, rapaz, o deslocamento de ar chegou até a destruir os pães... graças, mais graças mesmo, nenhum de nós que ali estávamos, nos devíamos ser, eu recorro vagamente, que ali nós éramos uns 6, né?! Naquele local. O próprio fogão da cozinha, ainda foi avariado também por deslocamento de ar e graças a Deus, nenhum de nós sofreu nada. Bom o tempo passou, nós fomos transferidos de posição, para um lugarejo mais a esquerda, chamado, chamado Borgoglione, e ali já era o pleno inverno, e ali nos permanecemos nessa posição, a maior parte do inverno. Ao final dessa parte, já era, já era 12 de dezembro, é! Ao final dessa parte, era 12 de dezembro, ainda era inverno, o chamado Monte Castelo foi atacado mais uma vez por tropas brasileiras... sem resultado, aí o inverno continuou, aí veio fevereiro, no dia 19 de fevereiro, a minha seção em Borgoglione foi substituída por uma seção da 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano, eles, naquele instante, que eles ali chegaram, se não me engano na noite de 18 de fevereiro, eles estavam, com a incumbência, com a ordem de atacar monte Belvedere... porque no dia 21, ou seja, 2, 3 dias após Belvedere, os brasileiros tinham que, outra, vez, investir sobre monte Castelo, pois bem, no dia 21, a minha seção, o meu pelotão, foi encarregado de, segunda linha, então nós voltamos a Gaggio Montano, em lá chegando a primeira coisa que eu fiz, foi dar uma chegada nos fundos do, do chamado Casone, porque essa dona Maria com a família dela e o marido, mais um, parece a mãe dela, uma senhora. Eu era um dos que mais freqüentava esse local, por causa do frio e eles tinha um fogão e proporcionava, uma maneira, da gente esquentar... Humberto lá chegando, eu fiquei assustado com o que eu vi, e ao mesmo tempo grato, Humberto, já não tinha mais nenhum italiano, ninguém mais morava lá, nem dona Maria, não tinha sinal de mais ninguém, porém, exatamente na parede na qual eu, a todo momento me abrigava, estava toda destruída por tiro de artilharia, porque eu to dizendo que até hoje eu sou agradecido, porque, eu não saia dali, se eu estivesse ali,

no dia que eles acertaram o tiro, eu não tava aqui contando pra você, essa é uma grande lembrança de Gaggio Montano, ok?!”⁵²

A recordação ao inimigo é recorrente, Antônio José dos Reis, natural de Sarandira-MG, também serviu no 11º RI; soldado telefonista ao manusear os antigos telefones de campanha, relembra uma passagem inusitada gravada em sua memória:

“Teve uma vez, eu estava instalando uma linha telefônica, meia-noite, quando eu olho para trás, tinha um alemão, atrás de mim, com um porrete, eu virei pra ele, ele largou o porrete, eu voltei para a companhia e ele veio me acompanhando e eu entreguei ele para o Capitão, tava morrendo de fome, coitado! Pegou um pão com manteiga e comeu”.⁵³

Joaquim Alves Moreira, também soldado do 11ºRI recorda sobre um interrogatório na retaguarda com alguns soldados alemães, emocionado, destaca a crueldade de uma guerra:

“Santa Catarina, aqueles lado lá, tem muito alemão e italiano né?! Então eles entendem muita língua e nós ‘pegou’ dois prisioneiros lá, então eles foram perguntar por causa de que, enquanto tem uma bala no fuzil vocês não entregam... Não porque agente, nós esperava que o brasileiro fosse outro tipo de gente, que nós ia ser judiado e qualquer maneira nós ia morrer mesmo e enquanto tivesse uma defesa nós iríamos defender... mas não sabiam quem eram vocês... **Humberto: - Isso o alemão que disse?** É, porque apesar de ser meio conterrâneo, a turma que eu tava com eles... então é descendente de alemão, italiano e tudo né?! Então tratou muito bem, dava comida, cigarro a vontade e naquele momento que tava, no campo de concentração é separado, não sei como eles ‘pintou’ na nossa companhia. Mas então foi muito bem tratado e tudo... **Humberto: - Eles moravam no Sul do Brasil?** Esses soldados que tavam lá, tavam interrogando eles eram do Paraná... **Humberto: - Os brasileiros estavam interrogando os alemães?** É, o italiano, porque eles faziam isso, não entregavam de uma vez... porque eles não esperavam, se eles esperasse ser bem recebido... mas achou que ia ser torturado né?! Mas, eu acho, que lá no front ninguém fez covardia com ninguém não... Depois que pegasse, porque enquanto tá um contra o outro... quer é vencer matar mesmo, é defesa, porque se der bobeira ‘roda’ mesmo... Mas é uma covardia viu?! O pobre coitado às vezes chefe de família, mataram um lá forma ver no bolso da ‘coisa’ dele... retrato de duas crianças... é triste, é triste sim.”⁵⁴

As hostilidades foram encerradas no dia 02 de maio em toda Itália. Antes mesmo, em 29/04/1945, Mussolini, sua esposa e partidários foram executados em Milão, o governo

⁵² Entrevistado no dia 25/11/2011.

⁵³ COSTA, Marco Antônio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito**. UFJF, 2009. Dissertação (Mestrado em História), p.218.

⁵⁴ Entrevistado no dia 05/11/2011.

fascista havia sido derrotado pelos Aliados e partigianos. Zé Maria adota um tom crítico ao apontar para a fotografia de Benito Mussolini:

“Digamos, assim, 48 horas, vamos dizer assim, eu passei em frente a esse local onde foram executados, expostos os corpos de Benito Mussolini e do secretário dele... entende enfim, a turma dele. Num posto de gasolina, ainda tinha marca de sangue lá no chão... uma grande multidão de curiosos, agora, na minha opinião, particular, é que foi um erro... ele tinha que ser submetido a um julgamento, um tribunal, pra provar que o lado de cá é que ta certo e não o dele, agora, o que fizeram não mostrou nada, uma vingança... posso acrescentar mais uma coisa, igual fizeram com o Kadafi agora, 40 anos como ditador, trucidaram o homem, não era para trucidar, era pra prende-lo, leva-lo para o tribunal, apresentar os crimes que ele cometeu e os jurados decidir, que é pra provar que o lado de cá é que ta certo e não fazer o que fizeram, essa é minha opinião... opinião de um simples Cabo da Força Expedicionária Brasileira, digamos assim.”⁵⁵

O fim da guerra havia chegado para os homens da FEB, aos italianos iniciou-se o recomeço de vida, mas a ligação entre esse povo devastado pelo conflito e os soldados brasileiros ficou eternizada. Em um pequeno espaço, o museu guarda testemunhos desses laços de gratidão da população italiana. Antônio de Pádua Inham, soldado da 9ª Companhia do III Batalhão do 11º RI e atual presidente da ANVFEB-SR-JF teve a oportunidade de acompanhar várias dessas homenagens na Itália:

“Esse monumento, por exemplo, mas eu vou começar por esse aqui... bom esse aqui é um monumento que foi inaugurado no dia 14 de abril de 1995, por que 95? Antes de 95 não teve nenhuma comemoração a Itália a respeito da FEB, em 94 eu estava na Itália, eu e o Major Ruy, e eu me dirigi a um italiano: - Signore, como si trova um taxi? Ou melhor onde tem um taxi? Ele falou aqui não tem taxi, mas eu te levo, aonde cê quer ir? E ele me levou onde eu queria ir. Monte Belvedere, dali em diante ficamos amigos, no ano seguinte, 95, ele me mandou um recado, que eu fosse lá, que ia inaugurar o primeiro monumento em Gaggio Montano., que foi inaugurado no dia 11 de abril de 1995, no dia 14 foi inaugurado esse (aponta a fotografia monumento ‘Alla Libertá’), conforme ta o retrato, eu e o Major Frazão, inaugurado em 95. Em 98 eu fui inaugurar esses que está aqui (aponta a fotografia do monumento de Vergato); você vê a inauguração e o que está escrito aqui, na placa do monumento: Muitos soldados do heróico Exército Brasileiro tombaram, tombaram aqui para libertar uma terra que não era sua, o sacrifício desses moços não pode, não deve jamais ser esquecido, foi em 98, daí em diante foram 16 monumentos inaugurados, eu tenho esse orgulho comigo, que foi eu e o Major Ruy que estávamos lá nessa ocasião em 94, dali que começou esses outros monumentos, aqui inauguramos esse outro aqui, já disse, no dia... 11 de Abril foi inaugurado esse aqui, que é Gaggio Montano.. e tem esse aqui também o, é o mesmo de lá... essas placas aqui,

⁵⁵ Entrevistado no dia 08/11/2011.

giovedì, 21 de giugno de 2001, inauguração do monumento Liberazione, esses monumentos que eu estou falando com você, isso aqui tinha nos postes na rua (aponta os cartazes expostos), colocado na rua em homenagem a nós, é uma coisa linda e depois Arrivi i nostri, quer dizer, chegaram os nossos libertadores que somos nós, todas essas homenagens eles faziam com agente, é isso aí, isso com referencia a esses quadros que estão aí, aqui quer vê... esse é o título de cidadão honorário, todo, todos os veteranos da FEB, em Modena, é considerado cidadão honorário, na Comune di Montese, e eu quero vê quem é, não parece que aqui diz que é todos, mas eu tenho meu diploma como o Zé Maria tem o dele... eles tem um reconhecimento com os brasileiros muito grande sabe?!⁵⁶

O relato entusiasmado do veterano Antônio nos faz identificar as fotografias e cartazes expostos na sala (Figura 4). O primeiro monumento citado é o “Brasile” em Gaggio Montano inaugurado em 11 de abril de 1995, por ocasião das comemorações do cinquentenário da conquista de Monte Castello. A homenagem fica precisamente na região conhecida como Guanella, local onde houve combates entre brasileiros e alemães, sendo um monumento aos mortos brasileiros, foi todo confeccionado em pedra chamada “pietraserena”, medindo 2 metros de altura, contendo uma esfera com cerca de 0,80m. O projeto do monumento foi idealizado pela sociedade local conjuntamente com a prefeitura, sendo do prefeito a concepção do monumento que posteriormente foi organizado pelo geômetra Maurizio Sonori e a escultura realizada pela empresa Vecchi Francesco. Em sua coluna de sustentação encontra-se uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Comune di Gaggio Montano. Ai soldati della Forza Expedicionária Brasileira nel 50^a anniversario della Bataglia di Monte Castello, La popolazione gaggense riconoscente per la raconquista Libertá. Apile 1995”, já a esfera representa o centro da bandeira brasileira, escrito “Ordem e Progresso”. Seguindo a sequencia da apresentação do Sr. Antônio, temos o monumento “Alla Libertá”, inaugurado no dia 14 de abril de 1945 em comemoração aos 50 anos da libertação de Montese, está localizado no “Largo Brasiliano”, em uma área que circunda a cidade. Constituído de uma escultura em pedra de 1,50m de altura por 1,80m de largura, projetada e esculpido pelo artista Ítalo Bortolotti estão representados as figuras de um homem e uma mulher com expressões pela dor e o sofrimento da guerra e a torre ao fundo, simbolizando a continuidade da vida. Patrocinada pela comuna de Montese e pelo Lions Clube Appennino oeste, o monumento apresenta a seguinte frase: “A perenne memória dei soldati della Forza di Spedizione Brasiliana che Il 14 aprile liberarono Montese. Montese, 14 de aprile 1995.” Em 20 de junho de 1998 foi inaugurado o monumento Castelnuovo de Vergato que lembra um altar revestido

⁵⁶ Entrevistado no dia 17/11/2011.

de pedra com 1,50m de altura por 1,20m de largura, tendo a inscrição dita pelo Sr. Antônio, acrescentado pela data 5 de março de 1945, rememorando a conquista da localidade de Castelnuovo, com o detalhe de uma cápsula vazia de morteiro 81mm acima do altar. O último monumento trata-se do *liberazione* em Gaggio Montano no dia 21 de junho de 2001, idealizado pela brasileira Mary Vieira, falecida em fevereiro de 2001. O monumento mede 7 metros de altura e 14 metros de largura, inserido num círculo de 35 metros de diâmetro no vale do Monte Castello, sendo composto de dois arcos brancos, um que aponta para a terra, simbolizando a morte e o outro para o céu como simbolismo ao sacrifício dos expedicionários brasileiros para a libertação da Itália. Cabe citarmos o monumento votivo de Pistóia onde os restos mortais dos brasileiros mortos em combate foram transladados para o Monumento Nacional no Rio de Janeiro em 1960. Os cartazes expostos são os mesmos citados na declaração de Antônio de Pádua que estavam pregados em postes, os três anunciam as inaugurações dos monumentos: *Brasile* (1995), *Alla Libertá* (1995) e *Liberazione* (2001), contendo também um cartaz com a programação das homenagens a batalha de Castelnuovo em 2004.⁵⁷

⁵⁷ RIGONI, Carmen Lúcia **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006, p.165-196.

Ilustração 4 – “FEB e Itália: das batalhas ao reconhecimento”.



Fonte: Acervo pessoal.

A lembrança aos companheiros talvez esteja presente em muitas dessas narrativas ao recordarem passagens vividas no front. Se em alguns momentos algumas fotografias trazem um sentimento de inquietação, contrariedade, algumas trazem grandes emoções, principalmente aos companheiros que se foram na guerra. Chama atenção uma pintura em óleo sobre tela de um Cabo da Força Expedicionária Brasileira, em meio corpo tendo ao fundo a bandeira brasileira. Em seu uniforme contém as medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe (Figura 5). Assinado por Cazi, provavelmente de 1962, não há mais nenhuma identificação sobre quem foi esse militar. José Maria dá o seguinte relato:

“O Cabo Hélio Thomaz foi um companheiro inseparável quando servimos juntos na Força Expedicionária Brasileira, na C.P.P. no Pelotão de morteiros 81 mm. Eu servia na 1ª Seção e o Cabo Hélio na 3ª Seção do 5º Pelotão. No dia 29 de novembro de 1944, aproximadamente 10 horas da noite, hora italiana, horário italiano, por uma razão qualquer que eu não recorro o Capitão comandante da minha companhia estava presente na minha posição, uma aldeia no sopé do Monte Castelo, uma aldeia chamada Bombiana. O telefone tocou, deu sinal, o soldado telefonista passou o telefone para o Capitão e esse após um momento de silêncio, desligou o aparelho, virou-se para mim e pediu que eu chamasse o Cabo José Tomás Barbosa e o Soldado Arlindo Mazzer. Isso feito, descemos nós 4, preparamos uma lona, lona essa

que serviu para transporte do corpo do Cabo Hélio. Quanto o Capitão informou o que iríamos fazer, tivemos uma reação ao mesmo tempo: tristeza, mágoa e muito ódio, pode acreditar. Um companheiro super alegre, comunicativo, brincalhão e um ótimo militar...pois bem...estava morto, tínhamos que cumprir a missão de resgatar o corpo dele e assim fizemos. Chovia muito, não chuva tipo tempestade mas chuva garoa, essa chuva fininha...região montanhosa, muita lama. Depois de algumas horas de caminhada na direção daquilo que se chamava no meu entendimento era o cemitério da aldeia, dada os bombardeios sofridos na sua área...bombardeio de Artilharia, das várias armas...morteiro. Era impressionante, impressionante mesmo...esqueletos, pedaços de madeira de caixões, até que conseguimos chegar no lugar onde estava o Hélio. O ódio que eu mencionei a pouco dobrou, tenho certeza... seu cadáver estava de brucos... todo perfurado, corpo todo perfurado, o sangue ainda espalhado em torno. Fizemos, digamos assim, uma espécie de embalagem com a lona que havíamos levado, para esse fim e retornamos e conforme combinado depusemos seu cadáver, seu corpo naquilo que restava da capela católica dessa aldeia chamada Bombiana, em seguida, com todos, nós 4, professávamos a religião Católica. Fizemos uma oração, um Pai-nosso. Voltamos para posição, o Capitão tomou as providências junto ao Batalhão informando o local exato onde havia sido depositado o corpo do Cabo Hélio. Agora, eu devo dizer duas coisas, primeiro o sacrifício que nós fizemos para recuperar o corpo dele... muita lama, muito frio... um cuidado excepcional para não fazer nenhum barulho, porque praticamente estávamos na margem da chamada “terra de ninguém” e qualquer descuido de nossa parte poderia ocasionar... uma reação inimiga que seria muito difícil para nós. Bem tem duas maneiras de concluir esse relato, primeiro, o tempo gasto para que isso fosse concretizado... Humberto começamos essa, começamos essa missão 10 horas da noite, acredite-se quiser, quando terminamos ou melhor quando chegamos na... naquilo que restava na capela da religião católica eram 6 horas da manhã... A outra parte é dizer que o ódio que eu já mencionei, havia tomado conta de nós, principalmente eu e o Cabo Tomás Barbosa, que persistimos na mesma missão, na mesma seção de morteiros com a missão de preparar o tiro das peças, das armas. Afirmando, tranquilamente pra você... posso afirmar que a partir daquele momento, não sei, se levados pelo ódio, pela vontade de vingar a morte do Cabo Hélio, posso te afirmar que... toda vez que recebíamos pedido de tiro nesta ou naquela área, nessa ou naquela posição, informada pelos observadores... nós... nós atirávamos, com as granadas mais mortíferas... você pode acreditar que esse procedimento nos dava impressão de que assim procedendo, assim fazendo... nós abreviaríamos as horas numa linha de frente... isso levado mesmo por ódio, atirávamos se fosse uma posição informado pelo observador ainda que semi-destruída, fosse uma habitação, nós nunca deixamos de usar a granada incendiária, que era para liquidar mesmo com que tivesse do lado de lá. Falo pra você com muita honestidade... esta foi uma das maiores emoções que eu senti, na minha participação na luta na frente italiana, nas montanhas denominadas Apeninos... perdemos um companheiro, perdemos um companheiro, alegre, extrovertido, tudo nele era na base da brincadeira, é o que eu posso te falar”.⁵⁸

⁵⁸ Entrevistado no dia 11/10/2011

Ilustração 5 – Tela Cabo Hélio Thomaz – Cazi 962.



Fonte: Acervo pessoal.

Pelos registros o Cabo Hélio Thomaz foi o primeiro pracinha juizforano a morrer na Itália, talvez aí esteja um dos motivos para essa homenagem na pintura. Hélio Thomaz faleceu no dia 30 de novembro de 1944 na região de Monte Castelo. A estreita proximidade desses fatos, reminiscências surgidas e outras silenciadas provocam uma reflexão de tudo que envolve o sacrifício e empenho que são o pano de fundo desse espaço museal:

“Um ambiente de confronto bélico, confronto armado... eu não tenho as palavras adequadas, não tenho mesmo... porque alguma coisa além da imaginação, além da imaginação, além da capacidade de descrever... eu já li

muita coisa a respeito de conflitos armados, mas dentro daquilo que eu, vivenciei, que eu presenciei, que eu passei... nunca li nenhum autor que dissesse aquilo que o soldado sente num combate numa missão de vigilância... sozinho e Deus, altas horas da madrugada numa frente a poucos metros do próprio inimigo... é, sinceramente eu nunca... dizem que um dos maiores escritores a respeito de conflito armado, conflito mundial era Eric Maria Remarque, ele escreveu na época da Primeira Grande Guerra ele escreveu, um livro, se eu não estou errado, memória não tá falhando, um livro chamado Sem novidades no front... tá?! Esse, esse livro foi transformado por Hollywood em um grande filme... mas as palavras não são aquelas, que destacam o que o soldado sente, o pavor, o medo, a raiva, o ódio, a lembrança dos amigos, a lembrança dos familiares... e as razões do porque está acontecendo aquilo... por que do lado de lá tem um grupo de jovens, atirando num grupo de jovens do lado de lá ou vice-versa... por que? 20, 21, 22, 25 anos...porque é esses é que fazem a guerra, esses é que fazem a guerra... sinceramente... é Humberto...”⁵⁹

⁵⁹ Entrevistado no dia 08/11/2011.

5 CONCLUSÃO

A existência do Museu da FEB José Maria da Silva Nicodemos traz a tona a possibilidade de investigações, seja sobre a instituição (ANVFEB-SR-JF) como também seu acervo. A pesquisa sobre esses bens culturais não está expressa apenas na cultura material, o objeto de estudo desse museu são os sujeitos, indivíduos portadores de uma identidade coletiva. O espaço museal abre portas para a difusão dos valores culturais que possibilitam o reconhecimento desse grupo de brasileiros que participaram da II Guerra Mundial na Itália. Esses valores estão expressos nas recordações dos associados, passagens do conflito, os inimigos e a lembrança aos companheiros que tomaram no campo de batalha, possibilitando definir esse espaço como Memorial, monumento à memória, onde a cultura material se torna uma forma de culto e homenagem aos expedicionários. Sendo, por fim, um memorial a FEB, local de manifestações dos sujeitos da história portadores de memória.⁶⁰ A convivência com os veteranos em um espaço dedicado a eles mesmos, conduzem a uma experiência reveladora de memórias, esquecimentos e revelações. Como estudante e pesquisador o contato com esses senhores me tornou mais pleno como cidadão e orgulhoso como brasileiro.

A necessidade desse memorial em divulgar e salvaguardar a memória dos veteranos da FEB em Juiz de Fora – MG, ressalta a importância de uma institucionalização desse espaço para um reconhecimento público através de exposições, eventos, constituindo um lugar de memória feito com a comunidade e não para a comunidade.⁶¹

⁶⁰ VIEIRA, Ana Maria da Costa Leitão. **Os Memoriais são um novo gênero de museu?** Disponível em: < <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28640> >. Acesso em: 23 ago. 2011.

⁶¹ RUSSIO, W. O Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. **Cadernos Museológicos** (IBPC). Rio de Janeiro, n. 3, 1990, p.9.

Referências:**Instituições pesquisadas:**

- Arquivo, Biblioteca e Museu da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Juiz de Fora –MG.

Fontes e Bibliografia:**Fontes Impressas:**

Jornais: Tribuna de Minas, Juiz de Fora, Abril de 2010.

-Iconografia:

Museu da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Juiz de Fora – MG.

-Audiovisuais:

O “Lapa Azul” – a história dos homens do III Batalhão do 11º RI, 2007. (Durval Jr).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba-Paraná. 2001.
- AMIDEN, Jamil. **Eles não Voltaram**. Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo Editora, 1960.
- ANDRADE, Delmiro Pereira de. **O 11º RI na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1950.
- BARROS, Aluizio de. **Expedicionários Sacrificados na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1957.
- BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Capacetes de aço no Exército Brasileiro 1932-2004**. Juiz de Fora: UFJF.
- 10º BATALHÃO DE INFANTARIA. **Catálogo imagens e História do Exército Brasileiro no acervo do Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Souza**. Juiz de Fora, 2011
- BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.
- CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e memória, p. 18. In: **Ciências & Letras**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº31, p.3-383, jan./jun 2002.
- COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira : memórias de um conflito**. UFJF, 2009. 256p. Dissertação (Mestrado em História).
- COSTA, Otávio, **Trinta Anos Depois da Volta**. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército, 1976.
- FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- FERRAZ, F. C. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)**. 2003. 396 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo- São Paulo, 2003.

FILHO, Álvaro Duboc. **Histórias de pracinhas contadas por eles mesmos**. Juiz de Fora: Associação Nacional dos Veteranos da FEB, relatos coletados entre 1975 e 1982.

FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória: reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2002.

GARBINATTO, Valeska. O historiador e as imagens, p.282. In: **Ciências & Letras**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº31, p.3-383, jan./jun 2002.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX-1914-1991**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica no Museu. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Secretária de Estado da Cultura, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984, v.1. Memória-História.

LINS, Maria de Lourdes Lins. **A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação**. São Paulo: Editora Unidas Ltda, 1975.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**: Rio de Janeiro, vol. 1, nº2, 1996. p.73-98.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados**. São Paulo: Editora Grua, 2010.

MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil – Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1995.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1946.

MOTTA, Aricildes de Moraes (Org). **História oral do Exército na segunda guerra mundial**. Tomos 5 a 7. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 2000.

NETO, Ricardo B. **A Nossa Guerra: Os Brasileiros em combate 1942 – 1945**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

PALHARES, Gentil. **De São João Del – Rei ao Vale do Pó**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1957.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: **Estudos Históricos** nº.3. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989. p.3-16.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Bravos Combatentes da FEB: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005)**. Curitiba, Imprensa Oficial 2006.

_____. **Diários de Guerra I – Anjos de Branco, o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)**. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. In: **Militares e Política**, nº 3 (jul –dez. 2008), p.7-16

RUSSIO, W. O Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. **Cadernos Museológicos** (IBPC). Rio de Janeiro, n. 3, 1990, p.9.

SANTOS, Francisco Ruas Santos. **Fontes para a História da FEB**. Rio de Janeiro, Bibliex Editora, 1958.

SEINTEFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra: o processo de envolvimento brasileiro na segunda guerra mundial**. 3ª Ed. São Paulo: Manole, 2003.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um Soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

-Fontes Orais:

- Entrevistas documentadas, gravadas e transcritas, com os seguintes veteranos da Segunda Guerra Mundial que se encontram na Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Seção Regional Juiz de Fora/MG :

Antônio de Pádua Inham, soldado de Infantaria 11ºRI

Joaquim Alves Moreira, soldado de Infantaria 11ºRI

José Lopes de Oliveira, soldado cozinheiro do 11ºRI

José Maria da Silva Nicodemos, cabo chefe de peça do morteiro 81mm do 11ºRI.

-Fontes Orais:

- Entrevistas documentadas, gravadas e transcritas, com os veteranos da Segunda Guerra Mundial que se encontram na Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Seção Regional Juiz de Fora/MG .